

Notas de Campo – Dia 20 a dia 48

Categorias	Subcategorias	Unidades de Contexto	Inferências
1. Bairro Horta da Areia	1.1. Infraestruturas, habitação, saúde e higiene	<p>Para lá das barracas vi um caminho de terra batida. Reparei numa casa aparentemente desocupada pois não tinha janelas, mas vi depois que tinha lá dentro roupa estendida, que dava para ver pois havia uma corda à altura da janela. A Ana comentou comigo que o ambiente estava sossegado. Eu perguntei-lhe porquê, se não costuma ser assim. Disse que não. Vi ao longe umas casas. Era um lance de casas pintadas de branco, todas juntas umas às outras numa rua cimentada. A Ana disse-me que tínhamos que descer por ali. Havia uma espécie de muro/degrau em cimento à altura do caminho de terra onde estávamos. Aí sentados estavam umas pessoas, um senhor de bigode e uma mulher. A Ana não lhes disse nada, eu disse boa tarde e retribuíram-me o cumprimento. Na rua de cimento estavam uns miúdos a jogar à bola. Conheço-os do centro. Um meteu-se com a Ana e disse que podia atirar-lhe a bola porque é primo dela. Havia uma porta aberta. Lá de dentro saiu uma mulher a gritar com os putos, disse que tinham atirado a bola contra a parede. Comentei com a Ana que ali o ambiente já não estava assim tão calmo, ao que ela disse a sorrir “Ya”. Nessa mesma porta a Ana parou e perguntou pela Cristina. A rapariga que estava lá dentro, talvez um pouco mais velha do que a Cristina, disse que não sabia. Pelas feições e pelo cabelo preto imaginei que pode ser uma irmã mais velha. Voltámos para trás. A Ana perguntou ao senhor sentado no muro pela Clara. Ele não sabia. (D45)</p> <p>Visitámos o Sr. Manuel que na sua casa apertada com uma cozinha-sala-quarto na mesma divisão minúscula, faz com as suas próprias mãos e no meio das suas maleitas, magníficas obras de arte com fósforos. (D48)</p> <p>A Sónia começou então a pentear as meninas. Uma delas estava toda desgrenhada no cabelo. Um dos pequenos perguntou porque é que o cabelo dela era assim e a Sónia respondeu que era porque ela não se penteava quando se levantava de manhã e que aquele cabelo como nunca via uma escova começava a ficar todo enrolado. A Júlia disse à pequena que ela tinha que se pentear porque se não o cabelo ficava com nós e tinha que se cortar. A pequena limitava-se a olhar e quando a Sónia lhe tentou passar a escova pelo cabelo disse: “Eu não acredito que a escova não passa”. ... Disse ainda que não sabia porque é que a A. deixava a miúda aparecer</p>	<p>Confusão</p> <p>Relações de vizinhança.</p> <p>Parece que a família nunca sabe onde estão!</p> <p>Pessoas habilidosas viver no bairro.</p> <p>+ uma vez dá a sensação que os miúdos andam como querem, não lhes são impostas regras de higiene por algumas famílias.</p>

ali assim e que devia chamá-la para ela apanhar uma vergonha. (D37)

Estacionei em frente ao centro por causa da chuva. Haviam uns buracos à entrada do bairro, no chão de terra, que estava cheio de água lamacenta. (D36)

... a Júlia começou a contar-nos como tem apanhado piolhos neste último ano, por causa do grupo das crianças. Depois disse-me para eu ter atenção... Mas acrescentei que acho que com o grupo dos mais velhos não faz mal, porque eles não têm. Ela disse que sim, que realmente o problema são os mais pequenos. E disse ainda que é incrível como é que as miúdas do Minorias do Gueto andam sempre com o cabelo todo arranjado e sempre bem vestidas e todas limpinhas. Porque afinal elas não têm casa de banho em casa. A Aurora perguntou como é que elas tomam banho, se tomam no centro. Ela disse que acha que não, que devem tomar em casa dentro dum alquidar, com água aquecida. Ainda por cima com a casa cheia de gente e a falta de privacidade que têm, deve ser complicado, acrescentou. “E elas nunca cheiram mal!”, disse. Depois acrescentou que os homens é que às vezes vão tomar banho ao centro, se têm alguma entrevista ou assim.

A Júlia contou-me ainda que uma vez foi à casa da Rita e que puderam entrar. E que a casa estava tão organizada e tão limpa que nem se via um pingó de sujidade. Eu disse à Júlia que a Mafalda uma vez me contou que eles eram a família que vivia em piores condições habitacionais, ao que a Júlia me disse que sim, mas que em termos de higiene e limpeza a casa estava ótima. (D24)

Quando ali estávamos no centro ainda chegou uma senhora loira, uma cigana. Eu lembro-me dela dali do bairro e porque já nos cruzámos algumas vezes fora do bairro também. Ela distingue-se bem das restantes mulheres do bairro pelo cabelo loiro e os olhos azuis. ... Lembro-me de há uns anos atrás... tive uma conversa com essa senhora na câmara Municipal de Faro. Disse-me que era o dia de atendimento do presidente da câmara à comunidade e que estava ali para falar com ele. Trazia um filho ao colo, também ele loiro e lembro-me que algures enquanto conversávamos ela com muita naturalidade deita-o no colo dela e começa a dar-lhe mama, mesmo sendo o miúdo já grande. Foi ela que meteu conversa comigo, já não me lembro porquê. E algures durante a conversa o que me marcou mais foi ela dizer que se eu fosse à casa dela, ia ver que era a mais limpa e arranjada. Que gostava de ter a casa sempre cheirosa e limpinha enquanto que havia gente que não tinha cuidado nenhum com a casa e era

Más condições nas ruas, sobretudo quando chove.

Más condições habitacionais parece ser um impedimento a que alguns tenham cuidado com a sua higiene.

	<p>desmazelada. E que por isso nunca lhe haveriam de tirar a casa dela, porque ela cuidava bem dela. Quando a encontrei nesta sexta-feira, percebi o porquê daquilo que disse. Estava muito bem arranjada, com o cabelo penteado e atado em rabo-de-cavalo com um gancho. Tinha uma blusa, saia por baixo do joelho, um cinto e botas castanhas de cunha. Os tons que vestia andavam entre o branco e o preto. A blusa era branca e distinguia um colar de “pérolas” pretas, mais o cinto da mesma cor. A saia era preta também. Tinha batom vermelho nos lábios. ... Não percebi muito bem o teor da conversa dela com a Sónia ... mas quando saí pareceu-me que falava de piolhos e da filha e dizia à Sónia que não sabia o que fazer “com a moça”, apontando para a porta. À porta do centro estava uma menina vestida de princesa, com um vestido cor-de-rosa com folhos, dum vestido acetinado e esvoaçante e um chapéu a condizer na cabeça. (D29)</p> <p>A Sónia estava a perguntar à Cristina se a blusa estava boa, ao que ela respondeu que sim. Em seguida pegou no desodorizante em <i>spray</i> e mandou o Floriano levantar os braços. Pôs-lhe desodorizante debaixo dos braços mesmo por cima da blusa e ainda lhe pôs no peito. (D36)</p>	<p>Problemas com os piolhos</p> <p>No centro comunit. a higiene é importante.</p>
<p>1.2. Aspectos étnicos e culturais</p>	<p>O Lorenzo perguntou como é a relação dos ciganos do bairro com a terra. O Paulo disse que não é uma boa relação. Mencionou que se entrarmos numa casa e virmos a forma como arrumam os cobertores vemos que é uma relação despegada da terra, sem raízes. Arrumam-nos dobrados e empilhados uns em cima dos outros, o que é significativo ainda das suas raízes de “nómadas forçados”, assim disse. Arrumam-nos assim porque assim os transportavam nas carroças e os punham nas tendas, preparados para a qualquer momento terem que pegar neles e sair à pressa expulsos de uma terra qualquer. (D48)</p> <p>Ao chegar ao estaleiro ouvi a Márcia, atrás de mim, comentar com o Paulo como as coisas estão diferentes, que agora miúdos como o Valentim (ciganos, portanto), já ouvem hip-hop e outros tipos de música que não ouviam antes. O Paulo comentou que a música acaba por ser uma linguagem abrangente. (D46)</p> <p>Comecei pelos casamentos ciganos. Ele explicou-me que antes as famílias prometiam os filhos logo em pequenos e que esse compromisso entre as famílias era normalmente concretizado. Mas acrescentou logo em seguida que hoje em dia já não é bem assim e que ainda há esse compromisso assumido pelas famílias, mas que já não é necessariamente levado até ao fim. Acontece que os “prometidos” arranjam maneira de ficar com quem escolhem e com quem</p>	<p>As raízes nómadas notam-se em pequenos pormenores, ainda que já estejam sedentarizados.</p> <p>Jovens ciganos gostam das mesmas coisas que os outros (música, por exemplo)</p> <p>Os casamentos ciganos, como funcionam na Horta da Areia.</p>

gostam, que é fugir. E o fugir significa na maioria das vezes ir juntos passar duas horas no fórum Algarve, por exemplo. Quando um rapaz e uma rapariga gostam um do outro combinam para fugir só o tempo suficiente para que ambas as famílias dêem pela sua falta. Como no bairro as notícias correm depressa, rapidamente todos na comunidade se apercebem da falta dos dois e como quando regressam ninguém sabe o que estiveram a fazer porque afinal de contas, estiveram sozinhos e para evitar que a honra da rapariga seja questionada, os pais autorizam o casamento e apressam-se a casá-los. Ou então, se um rapaz gosta de uma rapariga e não sabe o que ela sente por ele, para evitar ir falar com a família e passar a humilhação da rapariga lhe dizer que não, combina, em segredo, fugir com ela. Se ela aceitar e fugir, casam. Se não, ele já não passa a vergonha de ela lhe dizer que não frente à família. O Paulo acrescentou ainda que a Cristina por exemplo, já não deve faltar muito para casar ou fugir com alguém. Eu perguntei se ela ainda está prometida e ele disse que estava sim, com um rapaz de quinze anos mas que aconteceu a tal coLaurinda, ele gostava de outra e fugiu com ela portanto o compromisso deles ficou sem efeito. Perguntei-lhe ainda se eles só escolhem pessoas da comunidade ou se podem casar com pessoas de fora, mesmo pessoas não ciganas por exemplo. Ele disse que podem casar com pessoas de fora, mas muitas vezes é dentro da comunidade. Acrescentou ainda que são mais os homens que casam com pessoas não ciganas, pelo menos na comunidade Horta da Areia. Acrescentou que isso já implica questões mais complexas e que nas mulheres nem sempre é muito bem aceite que ela fuja com alguém fora da comunidade, o que poderá implicar uma rotura com a família em alguns casos.

Em seguida falei-lhe da reacção da Tati e da Cristina na praia. Ele diz que é uma questão de não serem faladas. Para já porque sabem que os rapazes da Ala 10 não são de fiar e depois porque isso está muito incutido nelas, a questão de preservarem a honra. (D20)

Entretanto chegou a Sara ... Tinha com ela aquele que penso que será o irmão mais novo, pois de cara são parecidos. Quando a vi estava no lavatório com ele a lavar-lhe as mãos. (D21)

Partilhou ainda comigo e com a Aurora o que os ciganos que tem entrevistado lhe dizem sobre a lei cigana. Ela diz que das pessoas que entrevistou ainda não houve uma que concordasse com a lei cigana, ou que a achasse uma coLaurinda boa. Todos acham que já não fazem sentido coLaurindas como os homens deixarem crescer a barba quando estão de luto, por exemplo.

Nós perguntámo-nos se ninguém concorda, porque é que não a mudam? A Mafalda diz que não sabe, não compreende. Que um cigano lhe disse que se deixasse de haver a lei cigana se

A fuga

Para mim tem que ver com aquele esquema dos macro e micro factores que o Fragozo fez para o artigo dos idosos. As tradições estão tao enraizadas e as representações da família nos ciganos são tão importantes para eles que têm medo sequer de

	<p>calhar acontecia que deixava de ser “cigano”. (D23)</p> <p>Quando saímos a senhora perguntou se “Algum dos meus amores vai para os lados da minha irmã?”. ... Ela disse que só que a levássemos até ao Refúgio já era bom, que tinha que ir ver a irmã que há um tempo que não aparecia lá e depois diziam que ela não a ia ver. (D29)</p>	<p>pensar em questionar uma coLaurinda tão cigana quanto a lei pela qual se regem, não vá a família rejeitá-los e depois o que é que lhes acontece? Deixam de ser ciganos? Quase como se não houvesse espaço aos ciganos para serem sujeitos individuais, apenas membros de uma família cigana que se rege pelas leis e tradições ciganas, logo o espaço que têm para pensar e agir de forma diferente, deve ser algo muito reduzido.</p> <p>Preocupação com a opinião da família</p>
<p>1.3. Famílias</p>	<p>Há uma grande percentagem de jovens que não conseguem acompanhar e que acabam depois por deixar de ir à escola. Sobre os jovens acrescentou mais tarde que o que observam em relação àqueles que têm contacto com o centro comunitário é que estes têm percursos mais soltos enquanto estão a frequentar o centro, mas que depois casam e voltam às suas famílias o que resulta que se fechem, pois a pressão da família é muito forte. (D48)</p> <p>No que às habitações diz respeito, referiu que a maioria das casas são ocupadas por pessoas da mesma origem familiar. (D48)</p> <p>Mencionou que as relações entre as pessoas não são muito boas e que isso tem que ver em parte com o facto de que não escolheram viver aqui, mas foram para aqui trazidas pelas circunstâncias da vida. Referiu os problemas principais que têm que ver com a pobreza, exclusão e estigmatização do bairro. (D48)</p> <p>... a Carla contou-me, sem que eu lhe perguntasse nada, um pouco da sua história: a filha, a Vânia, foi entregue a uma família quando era pequena, que cuidou dela. Entretanto ela cresceu,</p>	<p>O centro e as suas atividades parece ser um escape à pressão da família. Permite abrir mais a mente.</p> <p>O agregado cresce numa mesma casa.</p> <p>Relações de vizinhança são forçadas e por isso nem sempre pacíficas.</p> <p>Problemas do bairro: pobreza, exclusão e estigmatização.</p> <p>Histórias de vida complexas.</p>

foi morar em Portimão e quando a vida se complicou e não conseguia pagar 400€ de renda de casa a mãe chamou-a para vir morar com ela. Entretanto a família foi crescendo e ela nunca seria capaz de pôr a filha na rua, mas acha que ela tem direito a ter uma casa para morar ali, porque é dali que ela é. Quando continuaram a conversa com o Paulo e o Pedro que entretanto interveio também, falou ainda de umas casas que estão a ser ocupadas por “uns gaiatos” que têm a música alta a noite toda que aquilo mais parece uma discoteca. Falou ainda dos “outros ali no outro lado” que é só vender droga e que a polícia não faz nada. Disse que o mal dela é não saber vender droga também, porque a vida está boa é para esses. Falou ainda de uma casa que aparentemente não está ocupada e que costumava pertencer a alguma família que entretanto comprou um apartamento. Disse que o homem lhe tinha dito que a casa ficava de reserva o que a estava a revoltar porque ali estava uma casa vazia e “enquanto umas e outras têm 3 ou 4 quartos” ela vive numa barraca e tem que pagar os empréstimos da carrinha e do carro que comprou para poder trabalhar. A conversa terminou com ela a dizer que era mesmo esta noite que ia ocupar a tal casa vazia e que queria ver quem é que ia tirá-la de lá. (D38)

A Ângela foi convidada a ficar e a comer também, mas antes de se sentar deu a informação de que tinha que ir comprar uns sapatos para a filha mais pequena, porque amanhã começa a escola. Perguntou à pequena qual é o nº que ela calça. Ela respondeu-lhe 33. A Filipa disse-lhe que no chinês estavam sapatos baratos, a 4€. (D40)

Entretanto a Filipa perguntou sobre sexta, Portimão. A Sónia disse-lhe que afinal vai ser quinta e que vamos logo de manhã, vai ser o dia todo e almoçamos no MCDonald’s. A Filipa disse logo à mãe que ia preclaurindar de dinheiro. A mãe disse que já tinha falado com a Sónia e que lhe ia dar 5€. A Filipa disse que podiam ser 10€. A Sónia disse que acha que ela vai ter que levar mesmo só 5€ porque já esteve a falar com a mãe dela. A Filipa disse: “Eu sei, eu ouvi” e a conversa ficou por aqui. (D40)

... uma outra senhora, também ela cigana, apareceu à porta. A Sónia mais uma vez disse que o centro estava fechado e a senhora disse que só queria que a Sónia visse uma coLaurinda sobre umas consultas. A Sónia aceitou o papel e disse à senhora que a consulta dela é amanhã e que a da filha é noutro dia (D41)

... a verdade é que durante as idas da Júlia e da Sónia à porta disseram que estava a haver

Alusão á venda de droga no bairro.
Falta de policiamento
Confusões ligadas a um grupo de jovens.

Relações de vizinhança conflituosas. Desigualdades entre as famílias do bairro.

Preocupação em que a criança vá bem apresentada para a escola.

Problemas financeiros.
Partilha dos problemas com técnicos do centro comunitário (confiança?)

Analfabetismo e iliteracia

Famílias problemáticas, jovens habituados às confusões, teatro como um escape aos problemas familiares?

	<p>reboição no bairro com a polícia. Alguém disse que tinham era por causa do irmão do Márcio. O Márcio encolheu os ombros e disse que quando foi a casa deixar a mochila a polícia estava lá mas não sabe o que se passava. (D42)</p> <p>Quanto às famílias ciganas, primeiro são portugueses, depois são ciganos, disse. Referiu que as famílias não são unidas, pelo contrário. Contou que há uns tempos fizeram um estudo para preparar um possível realojamento e os ciganos disseram que não queriam viver ao lado dos ciganos, muito menos se fossem familiares seus. Referiu ainda que os ciganos em Faro têm um pensamento muito arcaico, que ainda são muito importante as tradições, os casamentos arrançados e tudo isso. (D48)</p> <p>Visitámos o Sr. Manuel que na sua casa apertada com uma cozinha-sala-quarto na mesma divisão minúscula, faz com as suas próprias mãos e no meio das suas maleitas, magníficas obras de arte com fósforos. (D48)</p> <p>Encontrámos uma cigana que nos levou até às traseiras da sua casa onde os filhos tinham a mangueira com água ligada porque supostamente estariam a refrescar-se. A mangueira tinha água a correr, mas dos miúdos não havia sinal. Vimo-los passado um bocado a espeitar detrás de umas cortinas, em cuecas. Estavam a esconder-se com vergonha. (D48)</p> <p>Visitámos o Sr. Rafael com a mulher sorridente, que estava sentada na rua à sombra com um pequeno fogareiro a assar carne. Cheirava maravilhosamente bem a churrasco. O Sr. Rafael fartou-se de falar com o pessoal, num português rápido e cantarolado, adicionando ali pelo meio algumas palavras em espanhol. Contou-nos que tem ali os filhos e os netos e que por ali vai ficar até que Deus o leve. Mas que já viveu no norte e centro do país e que também ia muito a Espanha comprar coLaurindas. Que toda a família vive ali no bairro e que portanto não tem para onde ir, vai ficar perto dos filhos. A Mafalda disse-me depois que ele é o patriarca da comunidade. (D48)</p>	<p>Ciganos não se dão bem com ciganos.</p> <p>Pensamentos arcaicos.</p> <p>Crianças têm liberdade para brincar.</p> <p>Pessoas sabem receber, abrem as portas das suas casas e partilham as suas vidas...</p> <p>Do nomadismo á sedentarização. Novas gerações não querem ser nómadas.</p>
<p>1.4. Ambiente no bairro</p>	<p>Aparece uma foto de um <i>grafitti</i> que diz “Minoria do Ghetto” e depois uma outra foto do tal “gang”. São mais uma vez fotos ligadas ao tráfico de droga pois aquele é um grupo constituído por jovens, muitos deles que nem são do bairro, mas que utilizam o território do bairro para as suas actividades ilícitas uma vez que não há vigilância policial. Na verdade são um grupo que amedronta a própria população do bairro, que muitas vezes tem medo de sair de casa à noite</p>	<p>Insegurança vem de fora devido a falta de vigilância policial. Perigo para os que vivem no bairro.</p>

	<p>por causa deles. (D48)</p> <p>Fomos para o lado que tem estrada alcatroada, a Mafalda disse-me que o Paulo evita ir para trás das barracas para evitar confusões, creio que porque é ali o território do tal gang. (D48)</p> <p>Cheguei ao bairro às 10h da manhã. Numa das barracas estavam 3 homens ciganos sentados ao sol. Havia ao pé deles uma carroça com um cavalo castanho de porte pesado atrelado. Fazia vento e sentia-se um ar frio. (D41)</p> <p>Entretanto o Márcio pequenino voltou com umas pequenas, uma delas a Sara que veio logo abraçar-me e dar-me um beijo. ... Mostrou-me os brincos, uns corações cor-de-rosa que disse que não têm ferro, são como uma tatuagem. Verifiquei e de facto eram dois autocolantes. Mostrou-me ainda as sapatilhas. Umas sapatilhas pretas. Perguntei-lhe e disse-me que são novas. (D40)</p> <p>Encontrámos uma cigana que nos levou até às traseiras da sua casa onde os filhos tinham a mangueira com água ligada porque supostamente estariam a refrescar-se. A mangueira tinha água a correr, mas dos miúdos não havia sinal. Vimo-los passado um bocado a espeitar detrás de umas coLaurindas, em cuecas. Estavam a esconder-se com vergonha. (D48)</p> <p>Tirei a máquina para fotografar e sentei-me ao lado do Floriano que me perguntou se podia tirar fotografias. Disse-lhe que sim. Fui buscar a outra máquina fotográfica e ainda consegui filmar a peça dos pequenos antes que uma pequena que não estava a fazer teatro viesse pedir-me a máquina. (D36)</p> <p>Tínhamos ensaio marcado para as 16h30 e eu cheguei uns 10 minutos antes. O bairro estava calmo como sempre. Não se via ninguém na rua mas ouvia-se música cigana que me pareceu vir de uma das habitações perto do centro comunitário. (D20)</p> <p>Na parede de uma das casas habitadas por ciganos vi reflectidas as chamas amareladas e quentes de uma fogueira acesa na rua, à entrada da casa. À frente estava estacionada uma carrinha, mas percebi pelas cabeças que vi que haviam pessoas à volta da fogueira. Ao lado, dois homens conversavam. Um tinha um cavalo, montava-o sem sela ou estribos, tinha só a</p>	<p>Territórios demarcados (fronteiras que só são visíveis para quem lá vive) – Aspetos simbólicos.</p> <p>Vivências ciganas. A rua, o ócio, o gado.</p> <p>Boas relações dos habitantes com visitantes.</p> <p>O fascínio pelas máquinas fotográficas.</p> <p>A marca da pop. Cigana no bairro.</p> <p>O ócio, o convívio.</p> <p>O negócio?</p>
--	--	--

cabeçada. Calculei que comentassem os dois sobre o cavalo, pois o que estava a pé parecia observar o bicho e mexeu-lhe na cabeça e nas patas. A Júlia disse-me: “Uma cena idílica”. ... E quando saí do centro, sob o céu escuro das 6 da tarde, prevalecia aquele crepitar das chamas da fogueira projectadas nas paredes de latão da casa. E já dentro do carro, à volta da fogueira, vi então homens ciganos a conversar. (D22)

Quando saí do carro senti logo o vento mais forte do que no resto da cidade. Talvez pela proximidade da ria, ali faz sempre um pouco mais de vento. (D26)

Numa das casas/barracas ali ao pé, a única onde há sempre movimento na rua, vi aquela rapariga a que costumava referir-me aqui como outsider, mas que agora sei que se chama Fátima e que apesar de não parecer, é uma rapariga cigana. Digo que não parece pois tem a pele mulata, o cabelo em carapinha. Os olhos são claros, mas sempre pensei que os pais eram de origem africana. Como sempre, estava descalça. Já anteriormente a vi a caminhar pelo bairro sem sapatos ... Vestia uma blusa cai-cai preta, sem mangas, apesar do frio normal de um fim de tarde invernal, às 5 da tarde. ... No outro lado da rua ouvi dizer, quando bati pela segunda vez: “Senhora, o centro já está fechado”. Olhei. Era a Fátima. “Mas vai haver ensaio de teatro agora. Não está ninguém lá dentro?”_ perguntei. “Não sei, respondeu-me.”. (D26)

No ar sentia-se um cheiro agradável a churrasco. A Ana enroscou-se com frio quando saiu do centro, comentámos que estava uma noite fria. (D26)

Quando estacionei vi duas pequenas figuras, uma delas a empurrar algo que se assemelhava a um carro de compras do supermercado mas mais baixo, carregado com um saco preto. Caminhavam na berma da estrada junto ao bairro e quando atravessei a estrada cruzei-me com elas. Eram duas meninas ciganas. Estavam sozinhas a vir não sei de onde e falaram logo comigo como se me conhecessem a vida toda. Quando parei para lhes dizer olá uma delas agarrou-se imediatamente à minha cintura, enquanto a outra sorrindo para mim continuava a segurar no carro que empurrava.

Confirmei então que dentro do carro transportavam um saco de plástico preto cheio de qualquer coisa. “Onde é que vocês vão com isso?”, perguntei. “Para casa.”, disse a menina que empurrava, acrescentando que ali estava roupa que a mãe da outra que me abraçava tinha escolhido.

O clima agreste da Ria Formosa.

Frio... inverno rigoroso.

Crianças circulam sozinhas e à vontade pelo bairro (autonomia)

No bairro, junto ao centro comunitário, como na maior parte das vezes, a única movimentação que havia era numa barraca de ciganos que lá estavam na rua, velhos e adultos homens e duas meninas de 3, 4 anos a brincar por ali. (D30)

Deixei o carro junto à ria e no outro lado da estrada, ao pé da porta das traseiras do Centro Comunitário, estava um grupinho de crianças ciganas. Com elas estavam o Joãozinho, Cristina e um outro jovem, um rapaz que me pareceu ser cigano, com cabelo muito escuro, que eu ainda não tinha tido oportunidade de ver por ali. Fui ter com eles. As pequenas já me conhecem do centro comunitário, duas delas se não estou enganada são irmãs da Filipa e fizeram-me logo adeus quando me viram a sair do carro. Cumprimentei todos e eles a mim. A Cristina estava de telemóvel na mão. O Joãozinho perguntou-me se íamos ensaiar “treatro” hoje e eu disse que sim, teatro, dança, tudo junto. Ele disse que não queria ir dançar amanhã, que não sabe dançar cigano. Eu disse-lhe claro que sabes, mas ele insistiu que não sabia dançar muito bem. Entretanto chegou o Floriano e juntou-se a nós. Ao lado da Cristina estava uma menina mais nova, que sei pertencer ao Las ñinas e quando olhei para elas juntas percebi que tinham o mesmo cabelo escuro e algumas parecências no rosto. Perguntei à Cristina se são irmãs. O Joãozinho disse que não, que a pequena é irmã dele, a Cristina revirou os olhos ainda com atenções viradas para o que quer que fosse que se passava no seu telemóvel e o Joãozinho agarrou a pequena que creio que se chama Alexandra e começou a brincar com ela. A pequena levantou-se para fugir ao abraço daquele gigante (o Joãozinho é uma figura grande por si só e ainda maior parece quando está junto dos pequenos). Ele sentou-se então nos degraus ao lado da Cristina, começando a dizer que ela tinha uma qualquer coLaurinda que eu não me lembro como lhe chamou no nariz, referindo-se a uma bolha que lhe estava a nascer junto ao brinco do nariz, calculei eu que por estar infectado. ... Eu disse então à Cristina que ela tinha que tratar de desinfetar aquilo, mas ela, fixa no telemóvel, continuou sem reagir. ... Entretanto a Júlia chegou, na sua nova bicicleta que causou furor. Perguntaram-lhe quanto custou e ela disse 300€. O Joãozinho achou muito e ela acrescentou que foi uma oferta dos pais. (D36)

Estava ainda fechado. Junto ao centro estavam dois homens e 3 mulheres. Uma mulher estava de pé com uma criança ao colo e as outras 2 estavam sentadas em cadeiras de plástico viradas para os homens que trabalhavam naquilo que me pareceu ser um daqueles carros ambulantes de venda de pipocas ou algodão doce ou cachorros quentes. Era um atrelado branco, não muito grande, com um toldo e uma parte frontal aberta. Estavam a arranjar aquilo. Sei que tinham um

Intergeracionalidade

Jovens e crianças ciganas juntos.

Vícios dos jovens: música e telemóvel.

	<p>aparelho de soldar porque às tantas cheirou-me a queimado e quando olhei um deles tinha uns óculos postos e soldava qualquer coisa Laurinda na zona bola do atrelado. (D36)</p> <p>De roda da carroça havia homens e crianças. Estava lá uma mulher também, de saia comprida. Todos eram ciganos. Um dos pequenos não tinha calças, calções ou cuecas. Andava de rabo ao léu e uma t-shirt vermelha no peito. Um rapaz tentava convencer um cavalo a passar na rua estreita entre as casas e o cavalo parecia resistir porque eu de vez em quando via a cabeça branca a aparecer entre as chapas das casas e ele recuava em seguida. Finalmente o rapaz convenceu-o a passar e vi que era uma égua branca, com aspecto de já não ser nova, com uma barriga saliente mas ainda assim a ver-se um pouco as costelas. Começaram a arreá-la, o rapaz que a trouxe e um senhor mais velho. Puseram-lhe a cabeçada primeiro e no fim a carroça. Reparei que não usaram freio, apenas umas correntes no cabresto que apertam à volta da boca quando se puxa as rédeas, como as que normalmente se usa nos burros. Antes de acabarem de a aparelhar moveram a carroça e deixaram-na empinada em posição contrária à que estava. Aí vi que dentro da carroça estava um cachorro pequeno que tinha escorregado e tentava em vão subir de volta para a parte da frente da carroça. Era preto e mesmo de longe percebi que tinha no pescoço aquilo que me pareceu ser uma coleira vermelha. Quando começou a ganir por não conseguir sair de dentro da carroça um dos pequenos que por ali andavam foi buscá-lo. ... Vi que uma corda a bater-lhe na anca serviu de “incentivo” para fazer a égua rodar e andar para trás em direcção à carroça, para poderem completar o processo de emparelhamento. Com a égua emparelhada e pronta a puxar a carroça, as crianças subiram e um dos rapazes deitou-se em cima das costas da égua a dizer: “A minha égua, a minha égua” enquanto lhe fazia festinhas envolvendo-a com os braços. O senhor montou a carroça e o rapaz que o tinha ajudado a emparelhar tomou o controlo das rédeas. Saíram a trote e para trás ficou uma mulher ... a gritar para ele ir devagar, para parar quando chegasse à estrada. Repetiu a parte da estrada umas quantas vezes, mas eu ouvi os passos da égua na estrada num trote acelerado e não demorou muito estava a vê-los passar na estrada, no espaço vazio entre uma casa e o centro comunitário. (D40)</p>	<p>Os cavalos, os cães, as crianças a brincar junto dos adultos.</p>
<p>1.5. Relação com “outsiders”</p>	<p>As relações são muito centradas no bairro e desde que começaram o trabalho com o centro comunitário é que as pessoas se habituaram a receber visitas no bairro. Explicou que as pessoas deixam que se entre nas suas vidas, sabem que quando eles organizam uma visita ao bairro é no sentido de formar as pessoas que visitam e não de olharem para eles como se fossem uns</p>	

	<p>coitadinhos. (D48)</p> <p>O Sr. Rafael fartou-se de falar com o pessoal, num português rápido e cantarolado, adicionando ali pelo meio algumas palavras em espanhol. Contou-nos que tem ali os filhos e os netos e que por ali vai ficar até que Deus o leve. (D48)</p>	
<p>1.6. Opiniões internas sobre o bairro</p>	<p>... aconteceu que estavam lá a Filipa, Cristina e Ana. A Mafalda disse que elas pareciam não saber nada sobre o RSI. Que apenas tinham uma ideia que é dinheiro que é pago pelo Estado e que têm que ir à escola. Disse-me que a Filipa pareceu um pouco reticente ou mesmo nervosa, ela pensa que por causa da presença do gravador apontado a ela. Disse-me ainda que conseguiu saber que elas não gostam de morar lá na Horta da Areia, disseram-lhe que há sempre barulho à noite, gritos, que não conseguem dormir, que há conflitos e que gostariam de morar noutra sítio. (D23)</p> <p>Comecei por perguntar o que acham da cidade de Faro. Acho que ninguém me respondeu muito bem. As pequeninas disseram que preferem cidades grandes como Lisboa. A Filipa disse-me que prefere o Porto. Sobre o bairro saíram opiniões não muito diversificadas. Ficou claro que nenhum deles gosta do bairro nem das pessoas do bairro. Só quando perguntei o que acham do centro comunitário disseram que gostam e quando lhes disse que então sempre há qualquer coisa Laurinda que gostam no bairro não pareceram ligar ou querer aprofundar o assunto. O Márcio aproveitou para dizer que não gosta de ninguém do bairro e percebi que aquilo era uma boca directa para a Filipa e Ana porque olhou para elas e riu-se.</p> <p>Entretanto a Júlia juntou-se a nós e tentou ajudar fazendo também ela algumas perguntas. O pequenino Márcio disse que gostava de viver no bairro porque podia brincar na rua, andar de skate e jogar à bola. A Clara disse que gostava de morar em Pechão porque tem lá a família, os tios e primos. Alguém disse que ela tem lá o namorado. O Valentim por sua vez disse que gostava de morar em Olhão, também porque tem lá família. A Filipa disse que gosta de morar no Porto. A Júlia perguntou à Ana se é verdade que ela vai morar de casa. A Ana disse que não sabe ainda. O Márcio fez alguns por esta altura uma pergunta que me surpreendeu: “E tu vânia, o que achas do bairro?”. Pela frontalidade no tom de voz dele percebi que aquilo era uma provocação. Respondi com a verdade. Disse que acho que é um bairro que está afastado do resto da cidade e separado pela linha do comboio. Que tem uma localização privilegiada ao pé da Ria Formosa. Que tem ruas de terra e casas feias. E que tem pessoas que me parecem ser simpáticas. O Márcio disse que as pessoas não são assim. A Júlia disse que eles são e eles</p>	<p>Os conflitos do bairro á noite, jovens preferem viver noutra sítio.</p> <p>As crianças têm tempo e espaço para brincar em liberdade no bairro.</p> <p>Todas elas gostavam de morar noutra sítio, seja por causa da família ou das confusões.</p>

	moram ali. (D46)	
1.7. Aspectos simbólicos	<p>...algures durante o ensaio... ouvi uma conversa dos rapazes a provocar as raparigas... O Sérgio ou o João estavam a dizer em tom de provocação que a Filipa e a Natália iam para as salinas dar uma volta, ao que elas reviraram os olhos. Não tivesse eu conversado uma vez com a Júlia sobre as tais “salinas” e teria ficado completamente a apanhar do ar. É mais um daqueles aspectos comunitários que só quem vive lá é que sabe, parecido com o fugir para o Fórum. Então parece que ir às salinas é um sinónimo de fazer sexo, porque numas conversas de mulheres que a Júlia e a Mafalda têm agora com as ciganas mais velhas e que integram uma actividade para um projecto da CVP em que a ideia é que as mulheres ciganas possam ter um espaço para falar sobre o que quiserem, sem a presença de maridos ou filhos, surgiu essa conversa. Como nas casas da Horta da Areia a privacidade é uma coisa difícil, parece que os casais dão as suas escapadelas para as salinas para ter alguma privacidade, segundo o que as mulheres contaram. (D23)</p> <p>Em seguida mostrou-nos as fotos no <i>datashow</i> e foi explicando os seus significados: Há uma foto com sapatilhas penduradas numa corda, que são, para quem sabe, um símbolo de que se vende droga em determinado local ou casa. Aparece uma foto de um <i>grafitti</i> que diz “Minoria do Ghetto” e depois uma outra foto do tal “gang”. São mais uma vez fotos ligadas ao tráfico de droga pois aquele é um grupo constituído por jovens, muitos deles que nem são do bairro, mas que utilizam o território do bairro para as suas actividades ilícitas uma vez que não há vigilância policial. Na verdade são um grupo que amedronta a própria população do bairro, que muitas vezes tem medo de sair de casa à noite por causa deles. (D48)</p>	<p>Como em todos os bairros / comunidades há conversas que transportam aspetos que fazem parte do dia-a-dia do bairro mas só quem lá vive ou conhece sabe o que significam. Se uma linguagem tem uma linguagem própria, a HA poderá tratar-se de uma comunidade- Comunidades também têm conflitos...</p> <p>Interessante que os jovens tenham reivindicado o nome Minoria do Gueto para si, mas no sentido de o associar a algo positivo.</p>
1.8. Estigma Social	<p>Focou que o estigma é tanto que há jovens que para conseguirem emprego têm que colocar uma outra morada quando preenchem candidaturas ou até mesmo quando começam a trabalhar. (D48)</p> <p>A seguir à apresentação foi o <i>coffee break</i> ... o Paulo veio perguntar o que é que eu tinha achado da parte da Horta da Areia no filme que eles tinham passado. Eu disse-lhe que estava curta, relativamente aos outros bairros que tinham sido mostrados. E estava. Focaram-se muito mais tempo nos outros bairros do que na Horta. Além disso, nem mostraram o grupo de teatro, só falaram dum senhor que comprou uma roulotte de faturas através do microcrédito. (D41)</p> <p>A Lídia Acrescentou que nem disse aos rapazes onde vinham porque se lhes tivesse dito</p>	<p>Estratégia para evitar a exclusão.</p> <p>Por parte de outras instituições da área social parece haver tb uma relação de descaso do bairro.</p> <p>Mesmo os jovens têm má imagem</p>

	<p>que era para ir ter com pessoal da Horta da Areia eles não queriam ir. Disse que há um estigma muito grande. Só lhes contou quando chegaram ao estaleiro e disse-lhes que os conhece e que são malta fixe. Eles quando nos viram a chegar reconheceram alguns e disseram que sim, são fixe. (D46)</p> <p>A Sónia perguntou se eu podia ajudar com as pequenas e eu fui. Disse-me que preferia ir à casa de banho de baixo, perto do parque de estacionamento, porque quando elas se estavam a preparar na de cima uma senhora tinha entrado e foi um pouco desagradável portanto ela queria evitar esse tipo de situações. Disse também que o segurança a seguiu a ela e às crianças até à porta da casa de banho. ... Entrou uma senhora entretanto, para usar a casa-de-banho, a Sónia pediu-lhe desculpa pela confusão e a senhora disse “Ora essa”, acrescentando que é perfeitamente compreensível. (D37)</p> <p>...o Valentim ... me veio perguntar, com o telemóvel na mão, se eu conseguia pôr aquilo a escrever mensagens como antes. Era um telemóvel de ecrã tátil, moderno de mais para mim que estou habituada a coLaurindas com botões e teve que me explicar como é que eu mexia naquilo.... Um dia ainda lhes pergunto onde arranjam aqueles telemóveis, mas calculo que já sei a resposta e que aquele é um dos aspectos positivos de viver naquela comunidade... há todo um mercado interno que lhes permite ter acesso a coLaurindas aos preços mais baratos que os do mercado normal. Ou isso, ou estou a ser uma grande preconceituosa! (D25)</p> <p>A Sónia disse que precisava de ajuda e que tinha as estagiárias, mas que estava com pouca vontade de as levar e contou um episódio com um dos dois grupos de estagiárias, que a fez ficar de pé atrás: quando lhes falava da colónia de férias elas começaram a dizer se eles não iam passar fome lá e deram a entender que estavam com pena dos miúdos e que achavam que eles não iam ter comida ou dinheiro para comer. A Sónia disse que lhes respondeu que não, que os miúdos não passam fome e nem vão passar lá. Disse-nos que lhe pareceu que elas estavam com pena dos miúdos e que não está com vontade de as levar por isso, já que não preLaurinda desse tipo de ambiente atrás dela (D29)</p> <p>...uma senhora de casaco vermelho que eu soube depois ser técnica da câmara. Veio dizer à Júlia para ela não se esquecer de mencionar os nomes, que os nomes eram importantes. Fez isto com um tom de voz autoritário e senti, eu própria que estava a ouvir, uma certa arrogância da</p>	<p>do bairro. Teatro contribui para os unir e desconstruir isso.</p> <p>Preconceito, perseguição.</p> <p>Algum preconceito da minha parte??!??</p> <p>Pena, preconceito, estereótipos</p> <p>Aproveitamento institucional para melhorar a sua imagem. É as instituições que temos!</p>
--	---	--

	<p>parte dela. A Júlia disse à senhora para ter calma, que ela não se ia esquecer dos nomes e que ainda não tinha acabado aquilo que estava a fazer. A senhora voltou a reforçar a ideia dos nomes, que tinham que ser dito no início e fim para toda a gente ouvir. Com nomes ela referia-se à CMFaro, À CVP Faro e ao Centro Comunitário Horta da Areia. A Júlia não falou de nomes nenhuns no início, apenas apresentou os grupos e só no fim fez os agradecimentos. (D37)</p> <p>Eu perguntei o que se tinha passado e o Paulo disse que o segurança veio atrás de nós até à porta. A Sónia disse descontraidamente que é normal isso acontecer sempre que vai com pessoal da Horta da Areia a algum lado. (D41)</p> <p>Fomos em seguida ao museu visitar a exposição “Perspectivas de um bairro: a vida na Horta da Areia”. ... No fim da exposição, junto ao caderno de visitas, há uma nota explicativa do autor onde se podem ler frases como: “As pessoas, essas, fazem da necessidade uma inspiração”, “O bairro é feito destas histórias. Respira tristezas e maus amores. É um reflexo simples da necessidade.” “O lado positivo deste bairro tem um nome: resiliência” “Este é um bairro cheiro de resilientes”. (D48)</p> <p>“Os ciganos nunca saberão o que é viver sem cavalos, não por ignorância mas por fidelidade”, “Mudam-se os tempos marginalizam-se as vontades”, “A união no rebanho obriga o leão a deitar-se com fome”; “A lei do mais forte” [Algumas legendas exposição fotografias] (D48)</p>	<p>Preconceito, perseguições, excesso de zelo.</p> <p>Enfoque nos aspetos negativos do bairro. Visão estereotipada. Mais uma vez aproveitamento da pobreza. (cultura de pobreza?!??!)</p>
<p>1.9. Situações marcantes</p>	<p>Como a Sara já tem dezoito anos e ainda não está casada, pelo contrário já foi largada uma vez, faz-se sentir sobre ela a pressão da família. Sabendo disso a Cristina, que já não queria casar com o rapaz com quem andava a falar e pelos vistos era suposto casar, convenceu a Sara a fugir com ele dizendo que a família dele é rica. A Sara deixou-se levar e a Cristina parece ter combinado tudo com ele para ele vir buscar a Sara. E assim foi só que a Sara, quando iam algures no Alentejo caiu em si, apercebeu-se do que estava a fazer e entrou em pânico tendo telefonado ao pai para a ir buscar. O pai foi, a Sara contou-lhe tudo o que a Cristina tinha dito e armou-se a guerra entre as duas famílias no bairro. O pai da Cristina rapidamente decidiu casá-la com um rapaz de Lisboa e agora a Cristina está a viver em Lisboa e a sua família ao que parece foi expulsa do bairro. A Júlia diz que acabou por se virar o feitiço contra a Cristina porque ela acabou por ter que casar com um rapaz que não gosta, mas ao que parece a Filipa falou com ela e ela diz que está bem. (D47)</p>	<p>Enredos entre famílias ciganas, o que poderá explicar que no estudo que o D. referiu não tenham querido ficar ciganos junto de ciganos.</p> <p>Isto mostra tb a importância do casamento e a pressão sobre as</p>

	<p>A Márcia falou-me um pouco de si, disse que fez o curso de Artes visuais e agora está a tirar Ed. Social. Mais tarde fiquei a saber que já viveu ali no bairro, quando falava com a Ana e lhe disse que vivia “ali atrás”. Também percebi que conhecia os irmãos de alguns dos miúdos pois a dada altura disse que o Sérgio é igualzinho ao irmão em termos de feitio. Disse que os conhecia a todos mas que ainda não tinha visto o Valentim nem a Clara. Acho-a uma rapariga marcante de alguma forma. Tem fisicamente um ar duro e uma voz grossa e marcante. Tem uns olhos escuros com contorno preto de lápis e o cabelo encaracolado solto. Vi também uma tatuagem no braço com uma frase escrita em inglês que dizia qualquer coisa sobre sobrevivência ou resistência, já não me lembro. Lembro-me porém que era uma mensagem forte. A dada altura a Clara perguntou-lhe se aquilo [referindo-se à tattoo] era caneta ou tinha sido feito com agulha. Ela disse com agulha e quando a Clara lhe perguntou o que estava ali escrito limitou-se a dizer que era “uma frase em inglês”. (D43)</p> <p>Entretanto começou-se a falar da colónia de férias... A Sónia contou-me que enquanto elas as três andavam como umas loucas, a Laurinda andou o tempo todo contrariada. Ela disse que ela não gosta de estar na colónia e que aquilo é o que acontece quando os pais decidem obrigá-los a fazer as coisas. A mãe dela decidiu que ela tinha que ir e a Sónia levou-a porque pensou que ela se ia divertir mas parece que passou o tempo todo contrariada e enquanto as outras andavam como loucas ela mantinha-se à parte. E no último dia disse que ainda bem que já estava na altura de ir para casa. A Sónia acrescentou ainda que nem no cinema que é uma coisa que eles não vão muitas vezes ele pareceu ter ficado muito entusiasmada. Quando acabou o filme a Sónia perguntou-lhe o que achou ao que ela respondeu que foi mais ou menos. (D36)</p> <p>Ela explicou que íamos ensaiar hoje tudo junto e que amanhã de manhã tinham que estar às 9h no centro comunitário. O Joãozinho surpreendeu-se, achou cedo e disse que não gosta de se levantar tão cedo. Eu disse-lhe que é só um dia, ao que ele ficou a olhar para mim franzindo a sobrancelha (D36)</p> <p>Outro aspecto que achei curioso foi duas meninas loirinhas de olhos azuis, ciganas creio eu, que chegaram para ver o ensaio e não dançaram. ... no fim ouvi a Sónia a explicar a uma das pequeninas, que lhe deve ter perguntado porque é que elas não estavam no grupo de dança, que</p>	<p>raparigas ciganas.</p> <p>1 caso de alguém do bairro que seguiu os estudos e optou por outro percurso.</p> <p>O mito de que as crianças/jovens ciganas não gostam de se levantar cedo. Mas qual é o jovem que gosta?</p> <p>O culto. A religião. A influência que tem é mt forte, mais forte que</p>
--	---	---

		<p>elas não dançam porque a mãe tem uma religião que considera que a dança é um culto ao diabo e então não as deixa dançar. (D34)</p> <p>A seguinte conversa que me lembro de surgir em torno da mesa foi a do culto. A Ângela dizia que às vezes vão para o culto e depois dizem que são muito bons, mas em casa é só gritaria. A Sónia falou do caso da Aurízia e irmã que não podem dançar, que a mãe delas veio falar com a Sónia, lhe pediu desculpa e disse que elas tinham que sair do grupo de dança. Disse que não concorda mas tem que aceitar. (D40)</p>	<p>as raízes?!?</p> <p>Respeito pela opinião do outro.</p>
<p>2. Centro Comunitário</p>	<p>2.1. Relação técnicos-comunidade</p>	<p>Arranjou algumas jarras de vidro e nelas colocou a terra e as flores. Para cada jarra chamou um conjunto de miúdos e disse-lhes que aquelas eram as flores deles. O Zezoca não quis partilhar o seu vaso com uma pequenita que estava lá e que tinha uma ferida na orelha. Disse que não queria porque ela tinha “aquilo”. A Sónia disse-lhe que ali dentro não admite nenhum tipo de discriminação e que se ele não quer partilhar o vaso então não tem direito a flor. A mim disse-me depois que eles [os técnicos] os tratam a todos de igual forma e que não admite que eles [os miúdos] sejam preconceituosos. (D45)</p> <p>A irmã da Aurízia quis contar-nos qual era a roupa que ia levar vestida amanhã para a escola porque ia haver uma festa. Quis começar pelos pés. Ia levar umas botas pretas com o desenho de uma boneca branca com o cabelo preto para o ar. O Pedro perguntou se a boneca era a Pucca. ... A irmã da Aurízia continuo a falar das botas pretas e da roupa e estava toda sorridente. Pareceu-me entusiasmada e claramente com muita vontade de nos contar. O Pedro, no seu ar sério mas que eu já sei que é a brincar, disse-lhe para ela ter atenção às botas que já está calor para usar botas e que ela deve começar a usar sandálias. Ela insistiu que ia levar botas pretas. E um vestido de “manga por aqui”, indicando no seu braço por debaixo do ombro, ou seja, manga curta. E uma blusa cinzenta de gola alta por baixo. O Pedro voltou a dizer-lhe que estamos quase no verão e que gola alta já não é aceitável. Ela disse que não era gola alta, indicando a manga curta e dizendo que ia vestir por baixo. Acho que ela queria dizer que ia vestir uma manga comprida por baixo do vestido de manga curta mas atrapalhou-se com as intervenções do Pedro. Eu perguntei-lhe que festa era essa que ia haver na escola e ela disse que não sabia, que a Laurinda lhe tinha dito. O Pedro disse para ela ter atenção porque não deve haver nenhuma festa na escola, se calhar é só o início do período lectivo e para ela ter atenção com o que ia vestir. Entretanto ele distribuiu uns packs com seis lápis de cor, um para cada um e disse para depois agradecerem à Júlia que ela é que tinha trazido. Entretanto chegou</p>	<p>Não discriminação.</p> <p>Brincadeira</p>

a Filipa. O Pedro perguntou se eles já tinham almoçado e a maioria disse que não. Deviam de ser umas três da tarde. ... A Aurízia veio perguntar-me, quando ele saiu da sala, se não ia haver teatro esta semana. Eu disse que achava que não. Ela disse que a Júlia tinha dito e que ela não tinha ido esta semana p'ra da avó por causa do teatro e que agora não havia teatro. A pequena Sara ao meu lado disse muito séria: “Temos que ter uma conversa com a Júlia”.

Entretanto entrou a Sónia. A primeira coLaurinda que fez foi perguntar à Sara porque é que ela estava de pé na cadeira e mandou-a sentar-se. Corrigiu mais uma e outra coLaurinda e os miúdos voltaram a ficar em ordem.... Quando regressou o Pedro trazia um bolo do futebol clube do porto. Trazia também pratos e um garfo. Pediu para eles irem passando os pratos uns aos outros. ... O bolo foi distribuído por todos ... Depois de comerem o bolo limpavam a mesa e levaram os pratos e talheres para a cozinha. Enquanto experimentava canetas de feltro com ajuda da Filipa, para pôr de parte as que falhavam, a Sónia encetou a conversa sobre as colónias de férias. A irmã da Aurízia perguntava porque é que a Sónia não a levava, que ela andava ali desde pequena e nunca tinha ido. A Sónia explicou que a mãe dela é que nunca a deixava ir, que não podia fazer nada. Ela insistiu que gostava de ir. A Sónia disse aos restantes para começarem a poupar um euro por dia até ao verão que era para a colónia. A Ângela disse-me, em conversa transversal, que às vezes as pessoas lhe perguntavam como é que ela deixa ir as filhas dela 5 dias para fora de casa, mas que ela deixa porque confia na Sónia e sabe que com ela as miúdas estão bem. (D40).

Quando acabou, a Natália e mais umas duas ou três miúdas que não me lembro quem são, foram ao palco e começaram a saltar e dizer o nome da Sónia. Ela avançou e foi abraçá-las. Pegou no microfone, agradeceu à Júlia em nome do centro comunitário e da Fundação e disse que todos iam dançar mais uma vez e que estávamos convidados e juntar-nos a eles. (D37)

Mesmo com o barulho que os pequenos faziam na sala de ensaios ouvi-a a gritar-lhe que ele sabia que tínhamos marcado ensaio a partir da duas da tarde e que era uma falta de respeito ele chegar àquela hora. O Valentim acabou por pedir desculpa. Mais tarde quando o Sérgio decidiu aparecer, repetiu-se o raspanete. (D36)

Então apareceu o Pedro e foram para o outro gabinete, onde o miúdo começou a choramingar que lhe doía o dedo quando percebeu que o Pedro ia desinfecá-lo e colocar um penso. O João ficou comigo e da porta observámos a choradeira do miúdo antes e durante de o Pedro lhe

Os lanches

O reivindicar pelo teatro!

As regras de respeito pelo espaço são inculcadas às crianças e jovens que o frequentam.

Forte relação de confiança dos pais pelos técnicos.

Forte ligação com os jovens.

Responsabilização, chamadas de atenção quando fazem algo de mal.

Apoio, calma, sensibilidade para lidar com as situações que aparecem.

tocar, mas este fez-lhe o curativo com muita calma sempre conversando com ele e dizendo-lhe que não estava a doer. (D21)

Entretanto a Júlia chegou e falou com a Sónia, que tinha um papel na mão. Falaram sobre juntar o teatro e o hip-hop pois a Sónia está a tentar formar um grupo. A Sónia tinha apontado os nomes dos elementos do grupo de teatro. Falaram sobre um Sérgio, a Sónia dizia que ele é muito criança, sempre a amuar e que não tem paciência para aturar gente assim nas aulas e estava a dizer que não sabia se o haveriam de pôr no teatro. Ficaram de ver como ele se portava. Entretanto a Sónia comentou que tinha que mandar os mais pequenos que estavam na sala de ensaio para casa e que ia chamá-los para lhes dar um bolo, que eles “funcionam à base de doces”, disse. (D21)

A Sónia deu um bolo ao irmão da Sara e disse-lhe para ele dizer obrigada. Ele não disse e ela insistiu. Mas ele não disse, parecia estar meio envergonhado, petiscando o seu bolo com creme à porta do centro. A Sónia chamou-o, tirou-lhe o bolo e insistiu docemente para ele dizer obrigada, mas ele não disse. O João disse que ele ficou “afectado da fala” depois do Pedro ter feito o penso. (D21)

Depois chegou a Natália que me pareceu mais alta e claramente mais magra. ... A Sónia perguntou à Natália se ela queria um bolo, ela disse que não, que bolos foi o que comeu o dia todo, dois pastéis de nata. A Sónia chateou-se, disse logo que não é a comer bolos nem a ficar tanto tempo sem comer que ela vai ficar magra e chamou-lhe a atenção para isso. (D21)
Entretanto chamou também a atenção à Natália que era melhor ela avLaurindar a tia que estava no ensaio de teatro. Ela disse que não, que a tia estava a trabalhar e que só chegava a casa lá p'ras nove da noite. A Sónia insistiu que mais vale ela avLaurindar que é para não haver problemas, mas ela manteve a ideia de que não ia haver problema. (D21)

Juntamente com eles entrou a Sónia que disse logo à Ana para sair de cima da mesa e que um dia ainda fica com hemorróidas de tanto ela lhe dizer. A Natália perguntou “o que é hemorróidas?” e a Sónia explicou muito simplificada que são umas feridas no rabo. (D23)

Eu e a Júlia ficámos um pouco a conversar sobre o ensaio. Falámos do João, foi então que ela

Sensibilidade. Horizontalidade nas relações, sem paternalismos-.

Responsabilização.

Respeito pelo espaço.

	<p>me disse que também não tinha sido fácil na outra peça, o início. E o Sérgio disse que se ele continuar assim não vai poder participar porque está a desestabilizar todo o grupo. Mas na próxima semana já vão estar na linha porque a Sónia vai estar ali. E de facto quando ela está eles não se atrevem a fazer grandes estragos. (D23)</p> <p>Quando ele passado um bocado jogou um ovo ao chão em frente a nós, ela disse-lhe que ficou muito desiludida com ele e que é ali que ele mora e que ele não devia sujar assim o lugar dele e de todos, ainda por cima em frente à casa das outras pessoas. Ele foi ouvindo ... A Júlia foi conversando com ele, tentando responsabilizá-lo pelas coLaurindas. Falou-lhe também pelo teatro, que ele não foi ao teatro e depois anda ali a fazer aquelas coLaurindas. E disse-lhe ainda sobre a Sónia, que estava chateada com ele e que ele deve ter feito alguma coLaurinda de muito errado, que a Sónia nem lhe quis dizer o que era. Ele disse atabalhoadamente que ela é que tinha sido parva com ele e que se o chateava muito ainda ele lhe dava um murro, ao que a Júlia voltou a insistir no quanto estava a ficar desiludida com ele por estar com aquele tipo de conversas. (D29)</p> <p>Eu bati à porta encostada e cumprimentei-as, entrando, a pensar que podia fazer uma pergunta à Sónia sobre as entrevistas que tenciono fazer. Entretanto a Sónia saiu e ficou a Natália que quando falou comigo me pareceu chateada. Perguntei-lhe isso mesmo, se estava chateada, ao que me respondeu que sim e que estava a falar com a Sónia sobre isso. Caiu-me a ficha. Perguntei-lhe se tinha interrompido a conversa, ao que me disse que sim. (D30)</p> <p>Ficámos ali a adorar o bebé durante um bocado até que a Sónia chamou a senhora para lhe ir mostrar a criança. ... No corredor estava uma senhora cigana com um carrinho de bebé e uma recém-nascida lá dentro, vestidinha de cor de rosa e ainda com os olhinhos fechados. (D30)</p> <p>Passado um bocado já estávamos no gabinete, a Sónia, eu, a Júlia e a Natália. ... A Natália estava a mexer no computador que estava ligado na página do facebook de um rapaz e estava a mostrar as fotos dele à Sónia. A Sónia disse que ele era giro mas que não valia a pena ela fazer tantas parvoíces por amor. Comecei então a perceber que a conversa delas tinha que ver com alguma paixoneta conturbada e problemática que andava a dar a volta à cabeça e ao coração da Natália. A Sónia disse-lhe ainda, a dada altura, que sabe que parece que o mundo vai acabar, mas que não acaba e que acaba por passar. A Ana entrou entretanto e a Sónia perguntou se ela</p>	<p>Respeito pelos técnicos.</p> <p>Responsabilização.</p> <p>Confiança. Partilha e diálogo*.</p> <p>Partilha.</p> <p>*</p>
--	--	--

sabia que a Natália se andava a cortar. Eu e a Júlia olhámos uma para a outra e uma de nós não deixou de sonorizar algo parecido com: “Tu andas-te a cortar?” e foi então que reparei nos antebraços da Natália descobertos por uma blusa de meia-manga. Tinham riscos vermelhos, arranhões e distinguiam-se letras e corações ali desenhados. A Sónia segurava numa tesoura que aparentemente lhe tinha tirado e não queria devolver-lhe, ou que ela lhe mexesse. A Ana disse que já tinha visto ela a fazer aquilo algumas vezes e que já se tinha chateado com ela. A Sónia chamou o Márcio e fez-lhe a mesma pergunta, se ele sabia daquilo de a Natália se cortar. Ele fez cara de espanto e disse depois que sabia que ela gosta desse rapaz mas que ele tem namorada. A Natália disse que já não tem, que acabou com ela e começou então a dizer uma série de coisas sobre o Márcio e as suas, ao que parece, mil e uma namoradas e ele, com a face ruborizada, acabou por sair da sala. Percebi que são confidentes um do outro e que devem conversar bastante. ... Entretanto continuaram as conversas com a Natália, desta vez uma conversa alargada ao grupo de teatro. A Sónia perguntou ainda à Cristina e à Filipa, quando estas se juntaram a nós no gabinete, se elas também faziam aquilo, de se cortar, ao que estas disseram imediatamente “Eu não!”. A Sónia disse para elas porem juízo na cabeça da Natália. A Sónia disse-lhe ainda que se ela continuava a fazer aquilo que a mandava para a psicóloga e sugeriu-se que em vez de fazer isso ela arranjasse outras formas de desabafo, ouvindo música ou até mesmo através da escrita, já que ela gosta tanto de escrever. ... Veio ainda outra preocupação da Natália à baila, que foi o facto de achar que está gorda. Isso resultou em que todos ficássemos a chamar-lhe a atenção para o facto de estar normalíssima e que a Sónia lhe explicasse que os ossos também pesam e que ela está muito bem assim, visto que já emagreceu o que tinha a emagrecer no verão. (D30)

Disse que se enquanto eu e a Júlia ali estivermos aparecer alguém, para não abrirmos a porta que a hora de atendimento já acabou. Acrescentou ainda que hoje já a chatearam bastante e que ainda por cima agora “eles quase nunca estão cá”, referindo-se, calculo eu, ao Pedro e Paulo que de facto nas últimas semanas não têm estado por ali na altura em que eu chego. Ou chegam depois e vão logo embora, ou não vêm. ... Depois falou que ainda por cima hoje tinha estado lá um cigano a chateá-la. Acabou por acrescentar “podem-me dizer o que quiserem, mas os ciganos não são boa gente pá.”. Disse isto com o mesmo tom neutro que estava a usar desde que cheguei ao centro e não consegui perceber se este era um desabafo sentido ou se era só da boca para fora, resultado de um mau dia de trabalho. (D31)

Os namoros, inseguranças... Esta situação foi marcante porque mostrou o espírito de grupo, a situação pessoal dela foi partilhada com o grupo e analisada, discutida e desconstruída. Isto acaba por ser uma consequência indirecta do TO pois fê-la deslocar-se ao centro e de outra forma talvez ficasse em casa a fazer asneiras!

Há tb momentos de frustração e irritação com o trabalho e as atitudes das pessoas.

A Júlia estava no gabinete a fazer umas pesquisa sobre futebol para uma rapariga que eu ainda nunca tinha visto por ali. É cigana, com uns longos e fortes cabelos loiros, muito bem vestida e um rosto muito bonito. Não me lembro do nome, mas ela cumprimentou-me amavelmente. A pesquisa que a Júlia fazia, disse-me, era para um trabalho da escola. Ela encontrou-lhe um artigo que falava sobre a história do futebol e a rapariga foi pedir ao Paulo para imprimir. Ele deixou. ... Estava também lá aquela senhora de etnia cigana, loira, muito bem arranjada ...Tinha uma camisa azul escura vestida que curiosamente era um pouco transparente e me chamou a atenção. Via-se o sutiã branco por baixo (D32)

Entretanto a Sónia chegou de mau humor. Disse logo que estava doente, com 40 de febre e antes de abrir a porta informou os miúdos que não queria barulho, que era para eles entrarem calados. Assim fizeram, entraram ordenadamente atrás dela e foram sentar-se à volta da mesa grande da sala de ensaio que já tínhamos deixado preparada no dia anterior. Sentaram-se silenciosos. A Filipa, Ana e Natália ajudaram a Sónia a trazer as coisas para cabelo e maquilhagem para cima da mesa. A Sónia viu quem faltava. A Cristina e mais alguém e disse que alguém os fosse buscar. A irmã da Cristina disse que ela tinha ficado a tomar banho. ... A Sónia começou então a pentear as meninas. (D37)

Entretanto cumprimentei a Sónia, que estava no outro gabinete. Estava a falar com a Ângela sobre gatos. A Ângela tem duas gatas que tiveram gatinhos e os de uma delas morreram todos, só ficou um. Da outra ficaram todos vivos e pelo que percebi a Sónia conhecia um senhor a quem ia ligar para ele ficar com os gatos. A Ângela disse-me que não consegue matar os bichos, mas que depois é uma chatice porque não sabe o que fazer com eles. Entretanto mudaram de assunto e acabaram por entrar no gabinete. (D40)

Fomos falando entre nós sobre maquilhagens e essas coisas. A Clara disse que queria pintar o cabelo. A Sónia perguntou se ela tinha mesmo que pintar o cabelo e ela disse que sim, que não gosta de ver o cabelo “assim”. A Sónia disse que se ela quer pintar, então que pinte, mas que tenha cuidado com a cor que escolher. Ela disse que queria pintar de castanho dourado e a Filipa disse que essa é a cor que ela tem. A Sónia achou muito claro e disse para ela ter cuidado porque cores muito claras podem-lhe ficar mal. Ela mostrou a cor das pontas, mais clarinhas e disse que queria pintar daquela cor. A Sónia disse que sim, daquela cor, fica bem. (D46)

Consequência de ser casada com 1 não cigano? Tem mais liberdade para se vestir de forma diferente?!?!?

Parece já haver um grande conhecimento sobre o outro de parte para parte, o que leva a que saibam quando devem brincar ou ficar mesmo calados.

Confidencialidade.

“conversas de mulheres”

<p>2.2. Funcionamento interno</p>	<p>Encontrei-me com a Júlia ontem. Ela disse-me que já falou com eles no centro a informar sobre o que se passou e que não sabe se vai haver filmagem sexta-feira, nem se eles vão participar numa actividade proposta pela Ana Baião, na Universidade do Algarve, a 21 de Maio. São dois dos possíveis castigos a aplicar, mas a equipa de técnicos do centro é que irá decidir isso. (D44)</p> <p>A Sónia disse para me sentar ao lado dela e começou a contar-me sobre os desenvolvimentos da história Sérgio-Natália. Ela falou com o Sérgio e ele estava muito agressivo e então está fora do teatro e proibido de entrar no centro, disse-me. Ele disse que ia dar um murro na Márcia, que não pedia desculpas, etc. A Sónia disse que não tolera esse tipo de atitudes e que assim, agressivo, revoltado e a querer bater em toda a gente não o quer no centro. (D45)</p> <p>Entretanto a Sónia veio ter com o Floriano que estava sentado ao meu lado a fotografar. Perguntou-lhe se ele tinha lavado as mãos. Ele disse que sim. A Sónia mandou-o levantar a manga da blusa e quando ele levantou ela deve ter percebido que ele estava a mentir, porque começou a chatear-se com ele, a dizer-lhe que ele sabe que tem que vir para o curso lavado, etc. Ele levantou-se e foi-se lavar. (D36)</p> <p>A Sónia começou então a pentear as meninas. Uma delas estava toda desgrenhada no cabelo. ... Depois começou a chamar a atenção a todos, a dizer que já avisou que nos dias de apresentações eles têm todos que vir com os cabelos lavados e banhos tomados. Reparei então que de facto muitos deles vinham com cabelo molhado, sobretudo as meninas. Disse ainda que não sabia porque é que a A. deixava a miúda aparecer ali assim e que devia chamá-la para ela apanhar uma vergonha. (D37)</p> <p>Depois ouvi a voz do João na sala de ensaio e fui lá ter. Tinha uma blusa de algodão fina, azul, que lhe ficava justa. Estava sentado à mesa e com ele estavam uns pequeninos da comunidade. Não conheci nenhum deles, são das crianças mais novinhas, eram rapazes, quatro ao todo. Um tinha cabelo mais escuro e era mais gorduchinho, mas os restantes tinham cabelo claro desgrenhado e pele mais escura. Todos eles eram ciganos. Jogavam a um jogo. Era o João quem segurava uns cartões redondos junto ao peito e tentava em vão ensinar um dos pequenos a dizer “cerveja”. O putinho acabava sempre por dizer “ferveja” e quando as várias tentativas de o fazer pronunciar bem a palavra resultaram infrutíferas o João acabou por dizer: “Não interessa” e continuou a jogar dizendo-lhes que era para comer. Dos outros mini jogadores saíram</p>	<p>Tal como as boas ações, as más tb têm consequências.</p> <p>O respeito pelo outro dentro do centro comunit.</p> <p>Há regras básicas para frequentar o espaço.</p> <p>Preocupação tb em passar uma boa imagem das pessoas do bairro para fora.</p> <p>Convívio livre entre crianças e jovens. Utilização espontânea do espaço, podem ficar á vontade.</p>
--	---	--

	<p>palavras como “arroz” entre outras e o João dizia que não, mas que andava lá perto. Pedi-lhe para me mostrar o cartão. Tinha lá escrito massa e um desenho desse alimento. (D21)</p> <p>Reparei ao entrar que a janela do gabinete dos técnicos tinha a persiana corrida, lembrei-me que talvez porque estava a decorrer alguma reunião ou conversa privada, pois vi à entrada do centro, estacionado, um carro preto que me é estranho ali.(D25)</p> <p>... estava um alvoroço na sala de ensaio. A Sónia tinha acabado de sair de lá e fechado a porta atrás de si... A Filipa tinha também um pano na mão e estava a limpar os tampo das mesas. A Sónia comentou connosco que estava para ver como é que eles iam arrumar aquilo, que àquele ritmo nem amanhã se despachavam. (D29)</p> <p>Quando terminámos a entrevista fui ter com a Sónia, na sala de ensaio e vi uma coLaurinda muito interessante. À volta da mesa grande estavam jovens e crianças. Do Minoria do Gueto estavam a Ana, Márcio, Filipa e Valentim. Depois estavam crianças, a maioria delas ciganas. Estavam muito sossegadas e caladas. Cada um tinha à sua frente um copo com sumo e um guardanapo. Havia no centro da mesa uma caixa com bolos e cada um deles, quando a caixa lhe foi entregue, escolheu um bolo. Quando todos tinham bolo e sumo, começaram a comer. (D33)</p> <p>Estavam muitos miúdos na pequena sala de ensaios, mas enquanto os grandes ensaiavam a dança e o teatro os pequenos olhavam atentamente e sem perturbar. Depois os mais pequenos dançavam e os outros viam. E no meio do caos conseguiu-se trabalhar bem, penso eu. Foi mais produtivo do que é muitas vezes quando estamos poucos. (D34)</p> <p>No fim do ensaio de dança cigana a Sónia virou-se para o Valentim e disse que era melhor ele ir para casa. Disse que ele estava a prometer porrada às raparigas e que isso não podia ser, que elas tinham medo dele. E que se ele não queria estar ali que lhe dissesse e ela deixava-os ir. ... Disse ainda que eles ‘tão habituados a bater nas mulheres mas que ali dentro não pode ser assim. O Valentim virou-se para trás e pediu desculpas umas três ou quatro vezes e acatou o pedido da Sónia e foi para casa. (D34)</p> <p>Quando saí a Sónia tinha acabado de recrutar a ajuda de todos para limpar a carrinha. Saíram</p>	<p>Manutenção do espaço, uma responsabilidade de todos.</p> <p>Saber esperar. Regras à mesa.</p> <p>Trabalho conjunto.</p> <p>Novamente a questão do respeito pelo outro dentro do centro.</p> <p>Manutenção conjunta dos</p>
--	--	---

	<p>para a rua todos saltitões com uns sacos de bolos nas mãos, que ela tinha distribuído por todos. Quando me despedi e fui embora, lá ficaram de roda da carrinha branca da Fundação. (D40)</p> <p>Estava no centro uma senhora que eu ainda não tinha visto por ali, mas que percebi que é a senhora que faz a limpeza. A dada altura chegou um senhor com uma carrinha da Fundação ... Era um senhor alto de cabelos grLaurindalhos. Vestia um fato. Entrou. A Sónia cumprimentou-o com um visível à vontade. O senhor andou por ali a rondar e a falar e depois foi com a senhora da limpeza buscar uma ou duas caixas de bolos que foram deixados na cozinha. (D41)</p>	espaços/equipamentos coletivos.
<p>2.3. Atividades Desenvolvidas</p>	<p>Fomos para a sala as duas. Quando entrei reparei em primeiro lugar nas flores em cima da mesa dentro duma jarra e no saco de estrume no chão. Estavam a Filipa e o Márcio na sala, mais um grupo dos mais pequenos, que se entretinham a pintar. ... Depois explicou-me o que eram aquelas flores. Resultavam de uma actividade que as estagiárias tinham iniciado de manhã. Tinham trazido uns garrações cortados ao meio e terra e umas sementes que os miúdos tiveram a pôr nos garrações. Os garrações também foram pintados pelos miúdos, mas acontece que a tinta estava toda a saltar e a Sónia não gostava daquilo então arranhou umas latas (que estavam também em cima da mesa) e pintou para transferir a terra e as sementes. A Filipa e o Márcio tinham uma tarefa que era colocar os nomes dos pequenos em pequenos copos de shot que estavam numa pequena estufa. Depois a Sónia pediu-lhes que embebessem o algodão em água e pudessem dentro dos pequenos copos. Eles assim fizeram. O Pedro chegou e disse-lhes para não colocarem tanta água no algodão e depois deu indicação para que colocassem os feijões em cima do algodão. No fim foi buscar um pulverizador com água e enquanto os copos eram distribuídos pelos seus “donos”, dois copos a cada um, o Pedro foi pulverizando o feijão dentro do copo e em tom de brincadeira a cara dos miúdos, o que lhes provocou muitas risadas. (D45)</p> <p>Quando regresssei ao carro o Joãozinho tinha música cigana a tocar no telemóvel. Telemóvel que é muito caricato porque só tem a carcaça, não tem capa nem botões. A Cristina disse que não sabe como ele consegue mexer naquilo, ele disse que enquanto funcionar, não precisa de arranjar outro. A primeira coisas que me perguntou foi se o carro dava 220klm no máximo. Disse-lhe que sim e lembrei-me que o Floriano tinha manifestado o mesmo interesse na outra vez. Pedi-lhes que pusessem o cinto antes de irmos. Pelo caminho falou-se das actuações. Eu disse ao Joãozinho que afinal até lhe tinha corrido bem. Ele disse que no início ‘tava esquisito mas que depois passou. A Cristina mostrou-se contente com a sua actuação, disse que ficou cansada porque dançar sozinha custa. A Laurinda queixou-se dos pés, porque estava a dançar</p>	Horta e jardim...

com uns saltos altos enormes, como todas elas. (D37)

Entretanto chegaram Las Ñinas e Los Ñinos e começou o espectáculo de dança. A Sónia disse que notou que eles estavam muito nervosos. Eu achei-os felizes, estavam sorridentes e dançaram uma e outra música sem parar. Quando foi a vez da Cristina dançar fez um solo fantástico, toda sorridente. A Filipa também dançou do princípio ao fim, contrariamente ao que vinha acontecendo nos ensaios em que dançava o minimamente necessário. (D37)

...eu fiquei ali ao lado ao pé da Clara, que estava ali já quando nós chegámos e do Joãozito que se lembrou de partilhar comigo as suas dúvidas em relação ao dia seguinte. Às tantas disse-me que não sabia se conseguia dançar, que tinha vergonha de dançar em público. Eu disse que ao início custa um bocado mas que o mais certo era ele quando comesse a dançar nem se lembrar disso e acabar por se divertir. Ele voltou a dizer “Mas dá vergonha. Vai ‘tar muita gente?”. (D36)

Entretanto começou-se a falar da colónia de férias. Perguntei à Tati onde tinham ido e ela disse-me que passearam em Albufeira, Portimão, foram ao cinema na Guia. “Foi muito fixe”, disse-me ela. A Sónia contou-me que enquanto elas as três andavam como umas loucas. (D36)

Estavam a Sónia, a Filipa e uma miúda mais nova que não conheço sentadas junto a um projectador que reflectia no quadro de ardósia da parede o filme d’A Bela e o Monstro. O Pedro chegou depois com um papel de cenário e a ideia era ver se tornava a imagem melhor colocá-lo à frente do quadro. De facto tornava a imagem mais clara, mas sem o papel de cenário via-se bem também, portanto depois de algumas tentativas a Sónia acabou por decidir projectar no quadro. As mesas estavam colocadas em volta da sala e tinham doces (rebuçados sobretudo) lá em cima. Quando a Júlia chegou perguntou o que era aquilo ao que a Sónia explicou que vai haver uma festa amanhã a partir das duas e que é para verem um filme e comerem algumas coLaurindas. (D20)

Justamente em cima da mesa onde ele estava, haviam duas caixas com montes de sacos lá dentro. O Valentim começou a mexer nos sacos e como cada saco tinha uma etiqueta com um nome, ele esteve a ler os nomes à procura do dele. Eram duas caixas com presentes, que pela conversa que a Sónia e a Júlia estavam a ter percebi que era para entregarem aos miúdos no dia

Espectáculos de apresentação ao publico, das activ. Do centro comunit.

Colónias de férias. Momentos em ambientes diferentes, fora do bairro.

	<p>seguinte na festa. (D20)</p> <p>A Cristina não participou no ensaio porque estava com a Sónia a fazer o tal trabalho sobre os Rollin Stones. Algures antes do ensaio começar lembro-me de ter visto de relance a Sónia a retirar uma cartolina cor-de-rosa de cima de um dos armários e com um marcador escrevia qualquer coisa. A Cristina estava com ela.(D22)</p> <p>O Pedro entrou entretanto e colocou na mesa à frente da Cristina umas folhas impressas. Vi que eram da wikipedia e que continham informação dos Rollin Stones. Perguntei-lhe se aquilo era para um trabalho na escola. Ela disse que sim. (D22)</p> <p>Entretanto a Sónia continuava a conversa com as estagiárias e dizia-lhes que ia precisar de ajuda mesmo era no verão, pois costumam fazer um capo de férias de uma semana num sítio em Albufeira se bem me lembro. Ela disse que vão fazer na Páscoa também, mas que o mais fixe é no verão, porque saem à noite e é muito fixe. Disse em tom de brincadeira que acontecem coisas que não se podem contar. (D27)</p> <p>O Paulo estava vestido com um macacão azul escuro. Eu sabia o porquê da roupa dele, é que tiveram a limpar o bairro, em antecipação ao dia do Limpar Portugal que é amanhã. (D34)</p> <p>A Sónia chegou na carrinha da Fundação ... À frente vinha a Filipa e quando abriram a porta saíram da parte de trás a Natália, que a primeira coisa que fez foi espreguiçar-se, a Ana e a Laurinda. Chegavam da colónia de férias, onde estavam desde segunda-feira, em Albufeira. Reparei que só foram raparigas não ciganas, pois implicava dormir fora de casa. Também pelo que a Sónia já me tinha dito, normalmente os rapazes costumavam ir, quando lá estava o João para dormir com eles. Agora com o João a trabalhar não haveria ninguém para ficar no quarto dos rapazes durante a noite portanto foi só a Sónia com algumas raparigas. (D36)</p> <p>A seguir ao ensaio dos pequenos foram as danças ciganas. Reparei particularmente na Filipa, que só dançava quando chegava a vez dela se chegar à frente. Reparei também na Cristina e na irmã mais nova, que... Nunca deixaram de dançar e faziam-no com ritmo, envolvendo todo o corpo e com um sorriso no rosto. Os rapazes também dançaram bastante, sendo que neles é mais visível os estilos diferentes. Cada um tem os seus próprios passos e ao passo que as</p>	<p>Apoio escolar *</p> <p>*</p> <p>Colónias de férias.</p> <p>Limpeza do bairro.</p> <p>Danças ciganas.</p>
--	---	---

	<p>raparigas dançam à primeira vista e numa observação menos cuidadosa todas da mesma forma, neles é logo notório as diferenças de estilo de pessoa para pessoa. (D36)</p>	
<p>2.4. Serviços prestados</p>	<p>... uma outra senhora, também ela cigana, apareceu à porta. A Sónia mais uma vez disse que o centro estava fechado e a senhora disse que só queria que a Sónia visse uma coisa sobre umas consultas. A Sónia aceitou o papel e disse à senhora que a consulta dela é amanhã e que a da filha é noutro dia (D41)</p> <p>... a Sónia perguntou quem é que tinha fome e não tinha tomado o pequeno-almoço. O Sérgio foi o primeiro a dizer que tinha comido mas que já tinha fome, o que nos fez a todos rir. O Sérgio está sempre com fome! A Natália disse que não tinha comido e que não tinha fome. A Sónia chateou-se com ela e a mania das dietas e mandou-a ir comer um bolo. Disse-lhe ainda que ai dela que ao almoço quisesse comer um hamburger, que ela ia comer uma salada com couve roxa e alface. O Márcio disse que salada é a comida preferida dele. ... O Sérgio foi o primeiro a entrar na cozinha. Cada um deles escolheu um bolo. (D41)</p> <p>Praticamente ao mesmo tempo que eu entrei entrou também um homem cigano, que vinha pedir ao Paulo se eles já tinham escrito a carta que ele tinha ido pedir. O Paulo disse-lhe que já trataram disso e entregou-lhe imediatamente a tal carta. Ele perguntou o que é que estava escrito na carta e o Paulo disse que dizia que não estavam de acordo com a decisão que tinha sido tomada pois não auferiam dos rendimentos que tinham sido mencionados na carta que lhe enviavam. Perguntou-lhe se não era isso de que tinham falado, ao que o senhor disse que era isso mesmo. (D33)</p> <p>Esperámos um pouco que ficasse livre, porque ao que parece estava lá uma [voluntária] que estava a fazer estudo acompanhado com a Tati e a Ana que vão ter teste. (D33)</p> <p>Ela pediu ao Pedro que fosse dar banho ao André (será?), que ao que parece tem o apelido de preto, porque anda sempre todo encardido, estavam eles a comentar. Disse-lhe que tinha que ser ele a ir esfregá-lo porque ele tinha vergonha dela. O Pedro lá foi. (D33)</p> <p>o Pedro ... Apareceu com o André, ao que parece já desencardido e disse que a esponja tinha ficado preta. Não sei se estava a falar a sério ou a brincar, mas o miúdo estava com o cabelo</p>	<p>Interpretação de docs. Apoio na resolução de questões burocráticas. *</p> <p>Alimentação</p> <p>*</p> <p>Higiene.</p>

	<p>quase loiro todo penteado e estava a sorrir. (D33)</p> <p>Na sala de ensaios estava a Sónia, mais uma vez a alLaurindar o cabelo da Natália. Eu disse-lhe que aquilo estava transformado num salão de cabeleireiras, sem saber ainda na altura que de facto ela estava a fazer aquilo às meninas e raparigas desde manhã. Estava a penteá-las e alLaurindar-lhes o cabelo em troca de um euro. O euro era para as despesas com material tal como laca e outros e em compensação as miúdas saiam dali com o cabelo muito bem arranjado. Enquanto eu lá estive, como o centro já estava fechado, arranjou o cabelo da Natália, Ana, Filipa e ainda da Ângela (D32)</p> <p>Então reparei na Natália que tinha vestidos uns calções brancos e por baixo umas calças pretas. Perguntei-lhe o que lhe tinha dado para se vestir assim, se era para ficar com mais estilo para dançar. Respondeu-me encolhendo os ombros que estava “a experimentar roupa à bocado” e que depois tinha ficado assim.(D23)</p> <p>Outra coLaurinda que aconteceu durante a estadia curta da Sónia na sala foi que distribuiu pelas miúdas uns sacos pretos com roupa, dizendo-lhes que vissem se gostavam da roupa que ela tinha escolhido para elas. Deu, se não me engano, dois sacos à Ana e disse à Filipa que a irmã dela já tinha levado para as duas durante a tarde. (D23)</p> <p>Regressámos à sala de ensaio onde a Natália perguntou à Sónia se podia ir buscar um bolo. Esta disse que sim e a Natália correu para a cozinha. Regressou com um croissant de chocolate. O Sérgio quando viu quis também. Perguntou onde ela tinha arranjado, ela disse na cozinha e ele disse que queria também. “Pede à Sónia”, disseram a Júlia e a Natália quase em unísono. Pouco tempo depois chegou o Sérgio à sala também com um bolo em mãos e uma cara de guloso sorridente. (D26)</p> <p>No corredor estava uma senhora cigana com um carrinho de bebé e uma recém-nascida lá dentro, vestidinha de cor de rosa e ainda com os olhinhos fechados. Tinha o cabelo muito escuro e o Pedro comentou o ar amarelado da sua pele, dizendo que era icterícia e que seria melhor ela apanhar alguma luz do sol. Disse ainda que na quarta as enfermeiras estão no centro, que será melhor ela vir falar com elas. (D30)</p>	<p>Estética</p> <p>Banco de roupa</p> <p>Saúde</p>
--	--	--

	<p>A Natália estava sentada numa cadeira e a Sónia alisava-lhe os caracóis com um ferro de alisar. (D31)</p> <p>Ao entrar no centro comunitário estavam lá dentro três senhoras, uma que sei que se chama Carla, deve ter uns 50 e tal anos e é tendeira. É uma daquelas mulheres pequenas de estatura mas com uma personalidade forte bem demarcada na forma desprendida como fala e como se movimenta. A outra fiquei a perceber depois que é sua filha e tem o mesmo nome que eu. Aparenta estar algures na casa dos 20. Vestia um casaco comprido que não lhe escondia uma barriga de 5 ou 6 meses de gravidez. A terceira senhora é mestiça, aparenta ter uns 50 e tal anos. ... As senhoras conversavam com o Paulo. A Carla reclamava por causa da habitação e apesar de ter entrado a meio da conversa entendi que o que se passava é que ela queria saber o que é que no centro podiam fazer para lhe arranjar uma casa para a filha. O Paulo dizia que isso não era com eles, é responsabilidade da câmara e que nesse aspecto eles nada podem decidir. (D38)</p> <p>Dentro do centro, no corredor junto à janela do gabinete do Paulo, estava um rapaz jovem. O Paulo tratava de qualquer coisa no computador e ele parecia-me estar à espera. Passado algum tempo vi o Paulo a entregar-lhe um papel (D40)</p>	<p>Mediação</p>
<p>2.5. Pontos fracos da sua intervenção</p>	<p>... referiu que o ponto fraco do seu trabalho no centro é o trabalho com os jovens a partir dos 13-14 anos. Isto porque não há estruturas físicas nem técnicos suficientes para fazer um trabalho mais assertivo. Há uma grande percentagem de jovens que não conseguem acompanhar e que acabam depois por deixar de ir à escola.(D48)</p> <p>Quanto ao centro comunitário, desabafou ainda que sente que trabalham muito sozinhos, que deveria haver uma política de apoio social alargada ao país e às instituições públicas. Que seria bom que não estivessem tão centradas em si. (D48)</p> <p>Mencionou como ponto de ligação para o que nos queria mostrar no <i>datashow</i> que há também muita gente que quer crescer à custa da luta contra a pobreza e exclusão e que tiveram um caso desses recentemente ali no bairro. ... Tudo começou com uma ideia das estagiárias de educação social que pensaram em fazer uma exposição de fotografias que, tal como diz no placar inicial da exposição, “tem como principal objectivo mostrar o dia-a-dia da comunidade</p>	<p>Falta de técnicos e estruturas físicas é 1 prob.</p> <p>Falta de apoio a nível social por parte das instituições políticas.</p> <p>Aproveitamento da pobreza e exclusão social para enaltecimento pessoal e institucional (1 outro prob. que poderá dificultar as</p>

residente nesse local”. O Paulo explicou-nos que a ideia das fotos era mostrar o bairro tal como é. Para tal contaram com o apoio de um fotógrafo freelancer que foi umas quantas vezes ao bairro e tirou as ditas fotografias. Só que o dito fotógrafo tinha conhecimentos na CMFaro e conseguiu colocar as suas fotos em exposição fora do bairro sem sequer obter autorização do centro comunitário ou das pessoas a quem tinham sido tiradas fotos. Isso é ainda mais grave porque, segundo o Paulo, as fotos são artísticas, o que deixa espaço a que sejam interpretadas pelos olhos de quem vê. E se os olhos de quem vê estiverem já cheios de preconceitos em relação ao bairro, a verdade é que as fotos não ajudam a quebrar ou desconstruir isso, como era a ideia inicial, pelo contrário, podem ajudar a reforçar. Ele acha que sendo um bairro estigmatizado, as fotos vão exactamente de encontro a muitos dos preconceitos em relação ao bairro, sendo que para quem não o conhece na verdade ou nunca foi lá, só vêm reforçar os seus aspectos negativos. Na opinião do Paulo as fotos mostram aquilo que já se sabe do bairro e não há, por exemplo, qualquer alusão ao trabalho do centro, que faz também parte do dia-a-dia do bairro. Há mesmo situações tiradas nas fotos que os técnicos do centro, em 10 anos de irem lá diariamente, nunca viram acontecer e que crêem que são situações encenadas para a foto. Quando viu as fotos o Paulo reuniu com o Museu e com o dito fotógrafo e negociou para que pelo menos colocassem legendas para ajudar a clarificar aquilo que se queria mostrar. Negociou ainda que algumas fotos fossem tiradas, como por exemplo uma que mostra um pitbull todo enraivecido contra outros cães legendada como “a lei do mais forte”. Falou ainda na questão de que não foi pedida autorização às pessoas para expor as fotos e há fotos de crianças, o que é uma violação aos direitos de imagem das pessoas. Acontece que essa questão acabou por ser contornada pois, sem que os técnicos do centro comunitário dessem por isso, o fotógrafo e/ou os do museu conseguiram que as pessoas fotografadas assinassem um papel a autorizar. O Paulo disse que é fácil enganar as pessoas porque a maior parte delas não sabe ler. ... Contou que a população do bairro está revoltada com a exposição e que mesmo os jovens assim o ficaram. Que os jovens do TO viram as fotos no jornal e depois quando viram as estagiárias a tirar fotos no centro não quiseram que lhes tirassem fotos. Que nenhum deles gostou das fotos ou se identificou com aquilo. Para mim houve uma situação marcante, que foi a de que, durante o resto da visita ao bairro, estavam dois meninos junto a nós e eu fui-lhes tirar uma foto. Pela primeira vez os dois me disseram terminantemente e mesmo bruscamente que não querem que eu lhes tire fotos e, ao contrário do que fazem normalmente que é pousarem para a foto ou mesmo pedir-me a câmara, mostraram-se irredutíveis nessa questão. Pela primeira vez senti que a presença da minha câmara os incomodava (D48)

relações de parceria.)

Esta situação parece ter resultado, para o bairro, numa perda de confiança em relação aos que o visitam, sobretudo por parte das crianças e jovens, o que aumenta a barreira entre os habitantes do bairro e quem está de fora do mesmo.

Eu nunca tinha sentido isto antes!

<p>3. Grupo “Minorias do Gueto”</p>	<p>3.1. Elementos do grupo (características individuais)</p>	<p>A Cristina estava deitada ao canto em cima de um colchonete. Mexia no telemóvel. Meti-me com ela, que já não largava o telemóvel para nada e ela riu-se, voltando a virar o seu olhar e atenções para o pequeno aparelho que tinha entre mãos.(D35)</p> <p>A Filipa vinha com fones nos ouvidos e assim se manteve. Sentou-se num cadeirão ao pé da janela e aí ficou sossegada. ..Entretanto a Cristina pôs um cd de música cigana e indiana a tocar na aparelhagem e pôs-se a dançar. Disse-me que é uma coreografia nova que vai dançar sozinha no Mercado Municipal. ...Tendo em conta a especificidade dos seus passos, perguntei-lhe onde tinha aprendido a fazer aquilo, ao que me disse que “este passo ensinou-me a minha tia” e repetiu o passo para eu ver. (D31)</p> <p>A nós juntou-se entretanto o Valentim. Trazia um pulôver com uns losangos à frente e umas calças de ganga pretas justas, mais uns ténis. Tinha o cabelo mais curto do que eu me lembrava na última vez que nos tínhamos cruzado lá pelo centro. Também foi mais simpático, perguntou-me o meu nome e se eu ia fazer teatro com eles. Parecia mais crescido, na outra vez que o vi pareceu-me um pouco rebelde mas de facto aquele devia ser um dia em que eles andavam travessos, porque hoje pareceu-me um rapaz bastante interessado pelo teatro, simpático e tímido, com uma forma meiga e delicada de falar comigo. (D20)</p> <p>Quando cheguei a Júlia ainda não estava, mas encontrei a Filipa junto a uma das casas a falar com uma rapariga que já conheço de vista e que é mulata, às vezes acompanha a Sara. Quer dizer, quanto à Filipa, na verdade o que vi foi uma rapariga de cabelo loiro, calças de ganga, botas estilo “nature” e camisa justa azul. Estava de costas e a uma certa distância pelo que me pareceu ela mas não tive logo a certeza. (D21)</p> <p>Desde o lado de fora, pelos vidros da porta de entrada, vi a Cristina. Cabelo preto solto como sempre, umas calças de ganga, blusa preta justa, sapatilhas e nas pernas umas plainas de lã.(D21)</p> <p>Depois ouvi a voz do João na sala de ensaio e fui lá ter. Tinha uma blusa de algodão fina, azul, que lhe ficava justa. (D21)</p> <p>Depois chegou a Natália que me pareceu mais alta e claramente mais magra. Além disso tinha</p>	<p>Telemóvel (vício)</p> <p>Música, dança</p> <p>Eu diria que são jovens normais, com interesses, vícios, problemas e roupas iguais aos jovens que não vivem no bairro.</p>
---	---	--	---

o cabelo esticado e atado num rabo de cavalo. Vestia umas calças de ganga e uma blusa polar, calçava umas sapatilhas e trazia uma mala azul que dizia “Adidas”. A Júlia comentou com ela que ela estava mais magra assim como a Filipa, que emagreceram durante o verão e cresceram. A Sónia perguntou à Natália se ela queria um bolo, ela disse que não, que bolos foi o que comeu o dia todo, dois pastéis de nata. A Sónia chateou-se, disse logo que não é a comer bolos nem a ficar tanto tempo sem comer que ela vai ficar magra e chamou-lhe a atenção para isso. (D21)

Entretanto chegou o tal Sérgio. É mulato, pequeno e gorducho (D21)

A propósito das fotos a Natália disse que não gostava das fotos que o João tinha posto no facebook. A Júlia falou da ideia de criarmos um grupo privado e assim podemos colocar lá as fotos que ninguém para além de nós vê. A Natália disse que assim podia ser. A Júlia perguntou porque é que ela não gostava das fotos que ele pôs, ao que ela respondeu que foi na altura em que estava gorda. (D22)

A Natália entretanto colocou música na aparelhagem, do cd que a Sónia tinha gravado para a peça e começou a dançar alguns passos de hip-hop. Fez um movimento de mexer o pescoço tão perfeito e natural que quase parecia que o pescoço não fazia parte do resto do corpo. Perguntei-lhe onde aprendeu a fazer aquilo, respondeu-me “sozinha” como se fosse a coLaurinda mais banal do mundo. (D25)

Estávamos a começar o ensaio quando chegou o Márcio... Calcinha de ganga larga e *sweat*, com o cabelo com um corte de cabelo original, mais curto de lado e comprido em cima, devidamente espetado. Bamboleava-se de um lado para o outro quando entrou, com um ligeiro sorriso nos lábios. (D26)

Quando acabámos de ensaiar o Márcio saiu a correr da sala. Quando voltou disse que tinha ido ver como estava o cabelo, pois para fazer de raptor tinha colocado o capuz na cabeça. (D25)

Entretanto o Márcio tinha começado a fazer uns malabarismos, o pino e coLaurindas do género e a Sónia pediu-lhe que fizesse umas coLaurindas que reconheci como sendo passos de hip-hop. Ele fez, embora um deles com dificuldade. (D26)

A preocupação com o corpo e a aparência....

Comentei com a Cristina que ela estava gira, toda enfeitada. E de facto estava. Tinha colares compridos, brincos, bandolete na cabeça com umas penas e uns lábios cor-de-rosa que nem toda a gente suportaria usar. Nela ficava-lhe bem. (D31)

A Natália chegou à sala com uma mala de viagem de rodas, cor-de-rosa, daquelas grandes de 30kg. Perguntei-lhe se ela tinha levado aquela mala e a resposta foi afirmativa. Disse que não tinha mais nenhuma. Enquanto as outras tinham uma pequena mala de fim-de-semana, ela tinha uma malona que nem eu levei quando passei duas semanas em Itália, quanto mais 4 dias numa colónia. Ela abriu a mala que estava cheia de roupa e disse que parecia que tinha mais roupa porque estava desarrumada. Procurava o telemóvel, que parece que tinha perdido. Quando não o encontrou fechou a mala e disse que não queria saber, que não estava para se chatear mais com isso. (D36)

Filmámos algumas vezes. A primeira não contou porque as pequenas estavam a fazer barulho. As outras foram um resultado dos pedidos da Natália que queria ver os filmes depois de gravar e depois dizia sempre que estava alguma coLaurinda mal. Ou era o cabelo, ou não tinha falado como achava que devia, ou não tinha dito uma ideia que queria dizer... ela avisou-me que é perfeccionista e que preferia fazer outra vez. A Ana deixou-se levar e pacientemente lá foi gravando uma e outra vez, sempre a sorrir e sem reclamar de nada. (D39)

A Clara é calma por natureza, não costuma meter-se em grandes confusões e normalmente nem damos quase pela sua presença. A Cristina estava mais interessada no telemóvel, houve mesmo uma altura em que desapareceu e quando demos pela falta dela veio-se a verificar que estava fechada na casa de banho, a falar ao telemóvel. (D41)

A Sónia disse que o problema dele [Valentim] é que no teatro não tinha a namorada. Mais tarde, quando ele se foi embora porque disse que lhe aborrecia estar a ver fotografias, a Sónia comentou que ele não está connosco, que está num mundo só dele. (D42)

Quando abri a porta a primeira coLaurinda que senti foi o cheiro a cabeleireira que significava que alguém tinha estado outra vez a arranjar o cabelo. E claro, quando entrei na sala vi a Natália a alLaurindar o cabelo. Disse boa tarde e meti-me com ela. Ela riu-se e mostrou-me a

Insegurança?

Os namoros.

	<p>franja que está maior. Depois das tesouradas valentes que lhe deu aquela franja tem sido um desafio constante para ela. O Sérgio e o Valentim estavam sentados à mesa assim como a Clara. A Clara estava calada e sossegada como é costume. (D42)</p> <p>Depois fui ao pé da Cristina, pus-lhe as mãos nos ombros e disse-lhe “boa tarde ou preciso de te telefonar para me falares?”. Ela reagiu com uma risada. Passado um bocado começou a ouvir-se música cigana vinda do seu telemóvel pousado em cima da mesa. (D43)</p> <p>A Natália tinha ido até ao espelho retocar o cabelo e perguntou-me se a franja estava bem. Mostrou-me uns cabelos curtos que a Sónia tinha cortado e perguntou-me se se via. Eu disse que se via cada vez que ela levantava a franja mas que se a deixasse estar para baixo não se percebia nada. Ela acabou por atar o cabelo deixando só a franja solta. (D43)</p>	
<p>3.2. Enquadramento familiar</p>	<p>... mesmo antes de desaparecermos atrás das barracas olhei para trás e vi a irmã mais nova e a mãe da Cristina. Disse à Ana e ela perguntou à mãe se ela sabia da filha. Disse que não, que se calhar ela estava na escola. (D45)</p> <p>Pôs-me também a par da situação familiar dele, que ele está habituado a que lhe façam as vontades todas. Que tem tudo o que quer. Que a mãe está doente e não tem mão nele, desde que adoeceu ele está muito pior. Não sabe onde ele aprende a ser assim, mas calcula que é uma reprodução dos comportamentos que vê nos irmãos. Sussurrou-me qualquer coisa que não ouvi por completo porque os miúdos estavam a fazer barulho, mas a parte que entendi tem que ver com um dos irmãos vender droga o que explica o facto de não lhe faltar nada em casa. Acabou a dizer que são uma das famílias problemáticas do bairro. (D45)</p> <p>Lembro-me de a seguir a Ângela perguntar à Filipa se ela sabia do pai. A Filipa disse que não sabia, que ele lhe tinha pedido para ela fazer umas sandes e que ela fez e ele foi-se embora. A Ângela disse que se calhar ele foi pescar. A Tati disse que ele deixou a mochila e as canas. A Ângela encolheu os ombros franzindo a sobancelha. (D40)</p> <p>Ângela que descobri que afinal é mãe da Filipa. Descobri também, em conversas e porque vi, que a Filipa tem uma série de irmãs e ainda que o pai dela não é cigano. Disse ainda que veio do Porto. (D32)</p>	<p>Achei curioso porque parece que por ali os pais parece que nunca sabem muito bem onde andam os filhos.</p> <p>Instabilidade familiar.</p> <p>Família mista</p>

	<p>... falou-se do João. Alguém disse que ele tinha dito que não vinha mais ao teatro. A Sónia disse que não admira, que os pais dele também nunca o deixam ir a lado nenhum. (D30)</p> <p>Voltámos ainda à conversa da Natália, disse-me que ela não tem propriamente um ambiente familiar que a ajude a não fazer esse tipo de asneiras que anda a fazer. Disse que os pais fugiram nem ela sabe para onde, que a avó anda a leste e não repara nos comportamentos da neta e que há uma tia que também não ajuda muito. Há ainda um tio que tem 25 anos e não faz nada da vida. (D30)</p> <p>Entretanto chegou um rapazinho pequenino, dos novos. Ainda não sei o nome dele, mas já o tinha visto no outro dia quando o ensaio foi cancelado. Ele disse que o João tinha dito que não vinha porque o pai não deixava. (D20)</p> <p>A Júlia disse que temos mesmo que temos que ensaiar porque vamos a Lisboa apresentar uma peça. O Valentim disse que o pai não o deixa ir a Lisboa. A Júlia disse que depois falávamos com ele. Ele insistiu na ideia de que ele não deixa e parecia-me muito convicto daquilo que estava a dizer. Às tantas disse mesmo que se ele não o deixou ir a um sítio que era mais perto, como é que o ia deixar ir a Lisboa? Eu disse para ele começar já a falar com ele que é para começar a convencê-lo. Ele disse que então isso ainda era pior. A Júlia disse que mesmo que ele não vá a Lisboa não faz mal, que também vamos apresentar a peça noutra lado mais perto, de certeza. Disse também que no início os pais do João também não o deixavam sair e que no outro dia o deixaram ir a Olhão. O Valentim disse: “Mas Olhão é perto!”. Entretanto a Júlia perguntou à Tati e Cristina se elas podiam ir, que vamos de manhã e voltamos à noite. Elas disseram que sim. (D20)</p> <p>Entretanto chegou a Sara ... Tinha com ela aquele que penso que será o irmão mais novo, pois de cara são parecidos. Quando a vi estava no lavatório com ele a lavar-lhe as mãos. Reparei no cabelo castanho escuro dela, mas até então sempre a tinha visto loira, por isso perguntei-lhe se pintou. Disse-me que sim. Disse-lhe que lhe fica bem e é verdade, realça-lhe os olhos. Sorriu e disse-me “obrigado”. Entretanto o irmão estava a choramingar. Ela acabou de lhe lavar as mãos e o miúdo colocou-se ao pé de mim e foi então que vi que tinha o braço esquerdo partido, pois estava engessado. Era um gesso que já tinha passado de branco para cinzento. No polegar da outra mão que não estava engessada mas que estava igualmente escura tinha uma unha cinzenta</p>	<p>Controlo familiar (proibição de fazer algumas coisas)</p> <p>Questões intergeracionais problemáticas.</p> <p>O problema das raparigas ciganas que não podem dormir fora de casa. Controlo familiar, tradições.</p> <p>Podem sair se for dentro do seio familiar.</p>
--	---	---

e aquilo que me pareceram ser pontos, cozidos com uma linha escura. Perguntei à Sara o que é que se passou com o dedo dele ao que me disse que o entalou na porta do carro. “E aquilo são pontos?”, perguntei. “Sim, levou dois.” (D21)

Comentei com a Cristina como ela estava gira, pois tinha uma blusa branca estilo corpete, acetinada. Agradeceu-me e sorrindo contou-me que ia passar o fim-de-semana na casa da irmã, que a Sónia ia levá-la a seguir ao ensaio. Perguntei se a irmã mora em Faro, ao que me respondeu que sim. “E gostas de ir para lá?”. “Sim”, disse-me ainda sorridente, mantendo uma boa disposição visível. ... depois perguntei-lhe se a irmã vive numa casa ou apartamento e passou-me ainda pela cabeça incluir na lista de tipos de casa a palavra barraca, mas não o fiz. Fez ela. Disse que mora numa barraca e que a avó, que mora lá ao pé, é que tem uma casa. Depois encolheu os ombros, ainda a sorrir. “E ela mora numa comunidade cigana?”, perguntei ainda. “Há lá ciganos também”, respondeu. (D25)

E acrescentou que a Ana se calhar não vinha ao teatro porque normalmente quando ia a casa a mãe depois já não a deixava vir.(D26)

Quando saí do centro vinha a mãe do João a caminhar na minha direcção. Quando me viu parou e perguntou-me se o João demorava muito, ao que respondi que o ensaio acabou e ele já estava mesmo quase a sair. Ela agradeceu e foi-se embora. (D26)

A Mafalda ... foi ver quem era e chamou a Cristina que acabou por ter que ir para casa. Era a mãe dela a chatear-se porque ela não tinha lavado a loiça nem varrido o chão, pelo que o pai estava a chamá-la e parece que a coLaurinda estava feia (D27)

Entretanto a Júlia entrou e disse à Ana, que já se tinha sentado ao lado da Tati, que a irmã dela lhe tinha mostrado as costas, todas arranhadas e que tinha dito que tinha sido a Ana. Esta disse que sim, é verdade, foi ela. E muito séria disse que discutiram e que a irmã a tirou do sério. A Júlia perguntou como é que ela fez aquilo e ela disse que não se lembra, que era como se não estivesse em si naquele momento. Acrescentou ainda que foi sério, que sabe disso, mas que não se conseguiu controlar mesmo. Pareceu-me muito consciente da gravidade do que tinha feito. Perguntei se a irmã é mais velha ou mais nova, disse-me “mais nova”. (D30)

Controlo

Tarefas domésticas, raparigas.

Conflitos familiares.

<p>3.3. Outras actividades de O.T.L.</p>	<p>Já com todos mais concentrados, falou-se da disponibilidade de cada um para participar nos ensaios de teatro e de hip-hop, sendo que os ensaios de teatro começarão às 16h30 e os de hip-hop quando acabar o de teatro. O Valentim tinha um problema, que era o futsal, à quinta-feira. “E quantas vezes tens futsal por semana?” perguntaram a Júlia ou a Sónia. “Duas, à terça e à quinta”, respondeu o Valentim. “Então falas com o teu professor e pedes para faltar à quinta.”, atalhou a Sónia. Voltou a falar Laurindar a ideia de que ele tinha é que falar com o professor. A Sónia disse ainda que íamos juntar o hip-hop e o teatro numa peça, eles ficaram contentes e a Júlia acrescentou que vamos ter que criar uma peça que tenha dança pelo meio. Entretanto chegou o tal Sérgio. É mulato, pequeno e gorducho, sentou-se à mesa e a Sónia perguntou se ele quer participar no teatro e hip-hop à quinta-feira. Ele tem o mesmo problema que o Valentim. A Sónia disse-lhe o mesmo que já tinha dito, para faltar num dia, mas ele retorquiu que não pode porque se não o treinador não o convoca para os jogos. A Sónia fez uma cara de descontentamento mas disse que então não, mais vale não faltar. Mas que ele falasse com o treinador de qualquer, forma e depois logo se via o que ele dizia. (D21)</p>	<p>Participam em outras atividades. Dinâmicos.</p>
<p>3.4. Escola</p>	<p>Antes de entrar em cena a Natália estava sentada ao meu lado e comentou comigo que a última aula de cinema dela foi uma seca. Eu perguntei-lhe se tem cinema na escola. Disse que sim. Perguntei se gosta. Disse que sim, mas voltou a dizer que a última aula foi uma seca. (D34)</p> <p>O Pedro entrou entretanto e colocou na mesa à frente da Cristina umas folhas impressas. Vi que eram da wikipedia e que continham informação dos Rollin Stones. Perguntei-lhe se aquilo era para um trabalho na escola. Ela disse que sim. Depois perguntei se ela é que tinha escolhido fazer sobre aquele grupo. Disse-me que sim. “E porque é que escolheste os Rollin Stones?”, perguntei ainda. “Porque é musical.”, respondeu-me. A Júlia perguntou se elas sabiam o que queria dizer em português Rollin Stones. Responderam que não e ela explicou. (D22)</p> <p>Quando olhei para o quadro onde o Márcio escrevia, vi que estava a escrever em inglês aquilo que me lembrei de escrever também quando andava no ensino básico. A data por extenso, com data, mês, dia da semana, ano e escrevia ainda umas quantas coisas Laurindas mais. E escreveu tudo sem erros.(D26)</p> <p>Uma das conversas que surgiu durante o almoço ainda foi a das notas. A Júlia disse que a Ana era a única que não tinha negas. A Ana corrigiu e disse que a Filipa também já não, que</p>	<p>Parece haver uma preocupação com a escola...</p>

	levantou as notas. A Filipa sorriu mostrando-se contente. (D41)	
3.5. Relações intragrupais	<p>... o Sérgio estava a implicar com a Natália e com o Valentim. A Júlia já tinha separado o Valentim dele, mas este tinha acabado por se ir sentar novamente ao pé dele e a conversa continuava. A Júlia disse que os pequenos, na parte da manhã, tinham-se portado muito melhor do que eles se estavam a portar agora à tarde. Depois chamou a atenção do Sérgio, que ele tinha querido ir para o grupo dos grandes porque estava farto de criancices e queria fazer teatro e apresentar, mas que agora que ali estava só estava a desestabilizar. O Sérgio à maneira dele, com a testa franzida e um ar amuado, lá foi rezingando e às tantas disse que se ia embora. A Júlia disse qualquer coisa como “então vai” e passado mais um bocado de conversa séria, ele acabou por se levantar e sair porta fora. ... Enquanto ela explicava ouviu-se bater à porta. O Paulo foi abrir. Passado um bocado o Sérgio entrou e meio a sorrir sentou-se de volta no seu lugar com o olhar cabisbaixo. Todos achámos graça à situação. O Paulo lembrou-o de qualquer coisa que tinham combinado como condição para ele voltar e então ele disse em voz alta: “Desculpem”. (D43)</p> <p>O Márcio e a Filipa também quiseram feijões. Eles estavam a implicar um com o outro e a Sónia lançou-lhes uma boca sobre estarem apaixonados. Eles negaram mas não sei o que pensar do sorriso envergonhado do Márcio.(D45)</p> <p>Nas pirraças entre o Márcio, Sérgio e Natália, falaram das férias do verão. O Márcio disse que a Natália tinha dito que ia para Londres ter com a mãe mas que ela era mentirosa porque ele sabia que ela não tinha ido, porque ele tinha passado as férias com ela. A Natália não disse nada. A Sónia disse-lhe que ela não tem nada que contar sobre a vida dela, para ela guardar essas coisas para ela que os outros não têm nada que saber. (D41)</p> <p>Eles pareceram divertir-se a ver as fotos, riram, fizeram críticas aos “beiços” e poses da Natália, elogios à fotogenia da Sara e brincaram com a Clara e Cristina que não apareciam em quase fotos nenhuma porque estavam entretidas com os telemóveis. Recordaram entre eles o que se estava a passar quando tiraram cada foto. O Márcio disse ainda, por causa das fotos em que aparece com a Natália que não são poucas, que ela está sempre a implicar com ele mas depois não o larga. Eu disse que tem que se dizer que eles ficam muito bem juntos. A Sónia disse que eles têm química. (D42)</p>	<p>Diversão</p> <p>Memória positiva.</p>

... a Filipa e Sara estavam em frente ao espelho a maquilhar-se. Entrei na sala de ensaio onde estava o resto do pessoal. As raparigas tinham os cabelos arranjados, olhos maquilhados e lábios pintados. Vestiam as t-shirts amarelas com um *smile* do teatro. Riam-se e estava barulho lá dentro, o reboiço habitual dos dias de apresentação de peças. A Sónia quando me viu disse-me logo que estava capaz de matar alguém, explicando em seguida que teve que andar atrás da Cristina que não queria ir porque não tinha *leggings* para vestir. A Cristina sorriu. Tinha vestidas umas calças cremes elásticas e umas perneiras pretas. ...

Entretanto o Valentim começou a falar de irmos a Vendas Novas apresentar uma peça, para poderem ver a Rita e o Henrique. Depois disse “Fogo tenho saudades dele” e abanou a cabeça. Eu dei comigo a pensar que também eu tenho a sensação de que a qualquer momento eles vão entrar pela porta e juntar-se a nós. (D20)

O amigo do Valentim, o rapaz mais pequeno, queria que ele fizesse uma coreografia qualquer que tinham ensaiado. O Valentim não queria, estava com vergonha. Ia fazer mas depois arrependia-se e começava a rir. A Júlia disse ao mais pequeno porque é que ele não fazia sozinho. Porque precisa de alguém que atirasse, explicou ele. A Júlia disse que ela fazia se ele a ensinasse, mas o Valentim acabou por fazer. A Júlia disse que depois podíamos usar as coreografias e dança na peça. (D20)

Perguntei-lhes se já tinham resolvido os problemas delas com os dentes, a Tati disse que vai arrancar dia 29 e a Cristina diz que ainda não foi ao dentista. “Não marques não”, disse a Tati. “E não foste porquê?” perguntei-lhe já sabendo a resposta. “Não gosto”. Eu disse à Tati que arrancar é das coisas que gosto menos de fazer porque é estranho e contei-lhe o que achava da sensação. Ela perguntou-me se dói, ao que respondi que não dói nada. (D21)

O Valentim estava a brincar com o telemóvel e quando a Júlia e Sónia queriam começar a falar estavam todos distraídos a mexer nos telemóveis e a falar, pelo que a Sónia acabou por mandar o Valentim lhe dar o telemóvel, já que era ele quem tinha começado. Depois surgiu a conversa sobre o Márcio. A Sónia pediu à Natália para lhe enviar uma mensagem pois ela tentou escrever uma mensagem a partir do telemóvel do Valentim mas não conseguiu entender-se com o teclado. A Filipa disse que a Natália podia ligar porque “ele também é estraganza”, referindo-se ao tarifário. A Natália escreveu a mensagem, mas como não obteve resposta, passado um bocado a Sónia ligou do telefone do centro, mas ele não atendeu. (D21)

Amizade

Diversão

Entretanto voltou-se à construção da peça, a Júlia insistiu para que se decidisse como deveria ser a história, para ela apontar. Resultou então que eram dois grupos de música, um de ballet e outro de hip-hop e que eles eram rivais mas que uma rapariga e um rapaz se apaixonavam e que acabavam por ter que namorar às escondidas. “E depois podiam fugir...” disse mais uma vez a Natália. “Já agora fogem para o fórum”, acrescentou a Sónia, acabando a rir. Olhei para a Cristina e Filipa, a Cristina revirou os olhos.

Pensou-se então quem deveria ser os protagonistas, o casal. Falou-se na Cristina e no Márcio, ao que a Cristina disse que com o Márcio não. Eu lembrei-me deles na praia, a embirrarem um com o outro. Então a Cristina e o Valentim, foi outra proposta. O Valentim pareceu agradado, a falar carinhosamente com ela, mas a Cristina também não se deixou convencer. Então o João e a Sara, porque são os dois grandes, sugeriu-se. Mas depois a Sónia disse que a Sara vai casar e que aquilo ainda ia dar problemas. Depois gozou-se com o João que ainda ia ter os ciganos todos atrás dele. Rimo-nos. Falou-se do Márcio com a Natália. A Natália gostou da ideia, mas a Júlia disse que o Márcio é bom a fazer papel de mau e que se ele já não está muito entusiasmado para o teatro é capaz de não querer fazer par romântico com ninguém porque vai achar uma seca. (D21)

A Cristina e a Tati, sentadas ao lado uma da outra, brincavam as duas com o telemóvel, cada uma com o seu. A Filipa começou a telefonar para alguém que atendeu, mandou-nos calar a todas e no outro lado ouvia-se a voz de um rapaz que acabou por desligar porque não obteve resposta. A Júlia perguntou o que é que elas estavam a fazer e quem era aquele, ao que elas disseram o nome de um rapaz e que ele é capaz de ter ouvido a voz da Júlia porque ela estava a falar quando ele atendeu. Disse à Filipa que tinha as fotos dela comigo e ela contente disse-me “Vânia adoro-te” e levantou-se. Depois eu disse-lhe que tínhamos que passar para um computador porque eu tinha na pen e ela disse para fazermos isso e que queria que fosse eu a fazer com ela. O problema é que não tínhamos ali um computador à mão com internet. Eu disse eu descarregava as fotos no computador do centro e que ela podia vê-las depois mas ela disse que não, por isso ficou sem efeito. (D22)

Esperámos um pouco e entretanto chegaram o Valentim e o Sérgio que começaram a brincar entre eles qual quem simula lutas, o que veio provocar alguma agitação na sala. Enquanto a Natália ouvia as músicas da peça e dava uns passos de dança, o Valentim e Sérgio andavam às

O facto de alguns serem ciganos parece ter influência a nível da peça de teatro, pois os papeis de cada 1 têm que ser pensados. Por parte dos jovens parece haver uma certa tolerância face às questões ciganas refletidas nos amigos.

A euforia por causa das fotos.

turras. A Cristina entrava e saía da sala e a Ana estava ali connosco, sentada em cima da mesa. Entretanto fomos revendo as cenas da peça e pensando melhor nelas, até que chegaram a Tati e o João. (D23)

Começámos então a representar, com grande dificuldade. Entretanto a Sónia e todos do centro tinham-se ido embora e estávamos sozinhas com os miúdos. O Sérgio, João e Valentim continuavam com as suas brincadeiras, sendo que o Valentim parecia de todos o mais interessado no ensaio, pois estava a dizer a dada altura para eles ouvirem a Júlia, se bem que depois acabava ele próprio por brincar com os outros dois. Também as raparigas foram metidas na festa e às tantas andava a Filipa a correr atrás do Sérgio porque este lhe tinha atirado uma almofada à cabeça. A Júlia tentava pacificamente chamá-los à razão, em vão. Começou a repreendê-los calmamente mas às tantas teve que se chatear a sério e chamou mesmo a atenção ao Sérgio, que parecia ser quem estava a desestabilizar todos os outros, também um pouco com a ajuda do João. O João estava numa atitude de desinteresse e de rabugice. (D23)

Entretanto como a brincadeira não parava a Júlia começou a chatear-se mais a sério e mesmo sem levantar muito a voz ou gritar com eles, tentava chamá-los à razão. Disse que de manhã teve ensaio com os pequenos e disse o nome de alguns rapazes que pelo que me pareceu devem ser mesmo traquinas e que eles se comportavam muito bem e que já estavam a criar uma peça e que nós não tínhamos nada ainda. Depois falou para o Valentim e Sérgio, porque eles estavam sempre a reclamar que já não queriam fazer teatro com os pequenos mas que agora que estavam nos grandes tinham que se comportar como tal. O Sérgio apontou as culpas para o João, disse que ele é que o estava a chatear e aí a Júlia disse: “Desculpa lá Sérgio, mas não estejas a empurrar as culpas para cima dos outros”, continuando a dizer que ele é que estava a desestabilizar todo o grupo e que se ele não queria levar o ensaio a sério então era melhor que se fosse embora. Enquanto tudo isto se passava lembrei-me de uma vez há umas semanas que entrei no centro e estava a Sónia super chateada com o Valentim e dois rapazes, um deles lembro-me agora que era mulato, pequeno e gorducho. Era o Sérgio. Foi nessa vez que ela acabou por cancelar o ensaio.(D23)

Quando conseguimos alguma concentração, o ensaio foi engraçado. A Natália e o Valentim tiveram alguma reticência em dar as mãos numa das cenas, mas acabaram por conseguir muito envergonhados. (D23)

Diversão

A Natália quis mostrar a mim e à Júlia as roupas que a Sónia tinha separado para ela. Disse que algumas podiam ser boas para a mãe dela usar, referindo-se assim à Ana que faz papel de mãe na primeira cena ... Mas a Júlia teve que ir até à cozinha e quando voltou a Natália disse-lhe que lhe queria mostrar as roupas e que ela não estava a ver. A Júlia disse chateada que é impossível estar atenta a alguma coisa Laurinda com os rapazes na cozinha a brincar com uma faca. (D23)

Entretanto estávamos a falar na rua, enquanto ela equipava a sua bicicleta com as luzes nocturnas e tirava o cadeado e chegou o Valentim. Então ela perguntou-lhe: “Tu achas que o ensaio hoje correu bem, Valentim?”, ao que ele respondeu muito francamente e sem hesitar: “Eu acho que não”. Então ela pediu-lhe para falar com os amigos e dizer para na próxima vez eles se portarem bem porque se não vamos conseguir ensaiar e que até o grupo das crianças se está a portar melhor do que eles neste momento. ... (D23)

Estávamos a começar o ensaio quando chegou o Márcio ... Fizemos uma ovação quando o vimos entrar e ele lá se sentou ao canto a sorrir. A Júlia começou a relembrar as cenas a ensaiar e olhei para ele. Ele também olhou para mim e riu-se, desviando o olhar logo em seguida. (D25)

A Natália disse que queria que o Márcio fosse o seu “par romântico”, acrescentando que era “por causa da química”. A Júlia disse que podia ser se ele quisesse e o Valentim não se importasse. O Valentim disse logo que não se importava, que queria fazer de mau. O Márcio também não se importou e ensaiámos então mais uma vez, já com o Márcio a encarnar a sua personagem. (D25)

...estava um alvoroço na sala de ensaio. A Sónia tinha acabado de sair de lá e fechado a porta atrás de si, com um sorriso e um olhar revirado... Lá dentro vi a Filipa, o Márcio, Valentim e mais uns quantos que conhecia de vista e que sei que pertencem ao grupo de teatro dos mais novos. Na verdade não consegui ver todos, porque por entre os vidros da porta só via um alvoroço de gente barulhenta. Estavam a rir e brincar uns com os outros enquanto tentavam montar a mesa que se divide em muitas mesas pequenas. (D29)

Decisões tomadas em conjunto.

A diversão parece estar sempre presente nos momentos que passam juntos, mesmo quando estão a trabalhar ou a realizar alguma tarefa.

Passado um bocado já estávamos no gabinete, a Sónia, eu, a Júlia e a Natália. ... A Natália estava a mexer no computador que estava ligado na página do facebook de um rapaz e estava a mostrar as fotos dele à Sónia. A Sónia disse que ele era giro mas que não valia a pena ela fazer tantas parvoíces por amor. Comecei então a perceber que a conversa delas tinha que ver com alguma paixoneta conturbada e problemática que andava a dar a volta à cabeça e ao coração da Natália. A Sónia disse-lhe ainda, a dada altura, que sabe que parece que o mundo vai acabar, mas que não acaba e que acaba por passar. A Ana entrou entretanto e a Sónia perguntou se ela sabia que a Natália se andava a cortar. Eu e a Júlia olhámos uma para a outra e uma de nós não deixou de sonorizar algo parecido com: “Tu andas-te a cortar?” e foi então que reparei nos antebraços da Natália descobertos por uma blusa de meia-manga. Tinham riscos vermelhos, arranhões e distinguiam-se letras e corações ali desenhados. A Sónia segurava numa tesoura que aparentemente lhe tinha tirado e não queria devolver-lhe, ou que ela lhe mexesse. A Ana disse que já tinha visto ela a fazer aquilo algumas vezes e que já se tinha chateado com ela. A Sónia chamou o Márcio e fez-lhe a mesma pergunta, se ele sabia daquilo de a Natália se cortar. Ele fez cara de espanto e disse depois que sabia que ela gosta desse rapaz mas que ele tem namorada. A Natália disse que já não tem, que acabou com ela e começou então a dizer uma série de coisas sobre o Márcio e as suas, ao que parece, mil e uma namoradas e ele, com a face ruborizada, acabou por sair da sala. Percebi que são confidentes um do outro e que devem conversar bastante. ... Entretanto continuaram as conversas com a Natália, desta vez uma conversa alargada ao grupo de teatro. A Sónia perguntou ainda à Cristina e à Filipa, quando estas se juntaram a nós no gabinete, se elas também faziam aquilo, de se cortar, ao que estas disseram imediatamente “Eu não!”. A Sónia disse para elas porem juízo na cabeça da Natália. A Sónia disse-lhe ainda que se ela continuava a fazer aquilo que a mandava para a psicóloga e sugeriu-se que em vez de fazer isso ela arranjasse outras formas de desabafo, ouvindo música ou até mesmo através da escrita, já que ela gosta tanto de escrever. ... Veio ainda outra preocupação da Natália à baila, que foi o facto de achar que está gorda. Isso resultou em que todos ficássemos a chamar-lhe a atenção para o facto de estar normalíssima e que a Sónia lhe explicasse que os ossos também pesam e que ela está muito bem assim, visto que já emagreceu o que tinha a emagrecer no verão. ... Entretanto o Sérgio tinha-se já juntado ao grupo e mantinha-se a leste da conversa, parecendo desinteressado. Ele ainda é muito novo e creio que assuntos como estes, ainda lhe passam um bocado ao lado. Franzindo a testa como faz sempre, disse com um ar contrariado: “Nunca mais chego às 5.”. Isto porque ele chega sempre atrasado e justamente no dia em que chegou a horas o ensaio atrasou-se. (D30)

Partilha dos prob. individuais com o grupo. Resolução em conjunto.
Confiança
Conversa
Partilha.

Entretanto a Natália, que tinha desaparecido para o gabinete, voltou com um cachecol exuberante de penas cor-de-rosa pelos ombros. Não faltou muito para que algumas das penas estivessem espalhadas pelo chão, o que nos fez chamá-la de galinha despenada. Agarrou num saco em cima da mesa grande e tirou de lá de dentro uns sapatos pretos de salto alto. Calçou-os e começou a desfilar. Depois a dançar com a Cristina que continuava a treinar a sua coreografia. A Filipa continuava sentada no mesmo lugar, ainda a ouvir música. Fui ao pé dela e perguntei se estava tudo bem, disse-me que sim. Eu continuei a dançar com a Cristina e cada pessoa que entrava na sala ela dizia para olharem para nós a dançar. A páginas tantas chamou a Tati e disse-lhe, divertida: “Olha lá ela a dançar. Está a fazer tudo mal mas tem jeito”. (D31)

A Natália acabou por descalçar os sapatos e depois começou uma sessão de fotografias com o Márcio. Era a Ana quem os fotografava, com o telemóvel. Foi por essa altura que a Cristina partilhou comigo que já fez o brinco no nariz. De facto lá estava o brinco. Perguntei-lhe se doeu, “um bocadinho”, respondeu-me. “Tens desinfetado”. “Não, já nem dói.” ... Quando o ensaio começou finalmente, não foi fácil conseguir que eles se focassem no que se estava a fazer. ... Isto com a Júlia a ter que chamar sempre a atenção ao Márcio, ao Sérgio e ao Valentim, que ou estavam com os telemóveis, ou a implicar com as raparigas... a Natália manteve-se concentrada como sempre e a Ana, Filipa e Cristina também foram fazendo as sus partes. Por volta das seis e um quatro a Cristina lembrou-se que tinha que ir buscar os irmãos não sei onde e a Ana que tinha que ir buscar a irmã à escola. A Filipa ainda quis ensaiar mais uma vez, então aconteceu mais um ensaio. (D31)

No fim do ensaio de dança cigana a Sónia virou-se para o Valentim e disse que era melhor ele ir para casa. Disse que ele estava a prometer porrada às raparigas e que isso não podia ser, que elas tinham medo dele. E que se ele não queria estar ali que lhe dissesse e ela deixava-os ir. Acrescentou ainda que ele não fazia isso com a Filipa e a Cristina porque sabia que elas já são maiores e lhe batem a seguir, mas que com as pequenas elas não se defendem e ele não pode ser assim. Disse ainda que eles ‘tão habituados a bater nas mulheres mas que ali dentro não pode ser assim. O Valentim virou-se para trás e pediu desculpas umas três ou quatro vezes e acatou o pedido da Sónia e foi para casa. No fim eu comentei com a Sónia que ele não costuma ser assim e ela disse-me que de facto não, mas que devia estar aflito para falar com a namorada e começou a descarregar em cima de toda a gente. (D34)

Quando acabou o Valentim estava ao telemóvel e quando a Ana se sentou ao seu lado, segredou-lhe qualquer coisa Laurinda ao ouvido. Ela disse-lhe qualquer coisa Laurinda e voltaram a segredar. No fim ele pediu-lhe para ela não contar a ninguém. Ela disse que não contava, para ele não se preocupar. Não tinha passado um minuto estava ele a sussurrar-me que tem uma namorada, para eu não contar a ninguém. Depois mostrou-me uma foto dela no telemóvel. E outra em que estavam abraçados. (D39)

O Sérgio, Márcio, Natália e Filipa passaram o tempo todo a implicar uns com os outros, tanto que a dada altura a Sónia, em nome de algum silêncio que já fazia falta, mandou a Filipa e a Natália para dentro do gabinete. Todos eles pareciam estar entusiasmados, a brincarem e mandar bocas uns aos outros. As mais calmas eram a Clara, Cristina e Sara. (D41)

A viagem começou logo animada, com a Mafalda a aumentar o volume da música e a Natália e Ana a dançar. Quando estávamos a chegar a Almancil a Ana e Filipa começaram a tirar fotos uma à outra com o telemóvel. Perguntei-lhes se elas queriam a minha máquina, disseram que sim e continuaram a sessão fotográfica. (D41)

O Paulo juntou-se a nós e a pedido dos Minoria aí tirámos a primeira foto. Alguém tinha sugerido tirarmos uma foto de grupo, mas a Cristina e Clara que estavam sentadas no banco, a Cristina ao telemóvel, não quiseram levantar-se. O resto do grupo tirou duas ou três fotos e depois eu disse para irmos tirar ao pé do rio, que era mais fixe. Fui para lá com todos menos Cristina e Clara que só se juntaram a nós depois. Junto ao rio tirámos fotos de grupo, fotos de pares, fotos individuais, todas resultado das sugestões e dos pedidos deles. ... sempre que tirávamos uma foto eles queriam vir ver como ficava e por vezes as raparigas diziam: “Põe esta no facebook” ... Houve momentos em que ela queria que eu lhe tirasse fotos individuais e havia sempre alguém que corria e se juntava a ela o que não me deixava tirar-lhe a foto que ela queria. Ela ria-se comigo e nunca reclamou ou afastou o pessoal. O Sérgio andava o tempo todo a dizer “Toma lá morangos”, completamente tipo disco riscado e ninguém reclamava com ele. O Márcio andava o tempo todo a implicar com a Natália e ela ria-se e ainda queria tirar fotos com ele. (D41)

... no caminho lembro-me da Sónia comentar comigo que é fácil sair com eles porque não é

Confidências, confiança

Entre as brincadeiras deles e as fotografias que registam esses momentos, deu-me a sensação de que eles se divertem juntos e que cada um tem o seu feitio, mas que eles aceitam as suas diferenças muito bem. Por esta altura cada vez me faz mais sentido a ideia de que acima de tudo eles gostam de estar juntos. E se não é isso que as fotos que tirámos hoje mostra, então não sei o que será.

Momentos positivos. Alegria.

A importância das fotos para registar estes momentos. Todos gostam de fotografar e ser fotografados.

Gostam de estar juntos

preciso estar sempre a vigiá-los. Eles circulavam normalmente, sem se afastarem ou sem grande alarido, apenas o entusiasmo normal, penso eu, de um grupo de jovens amigos que estão num *shopping*. Quando a passar à frente duma papelaria que tinha algumas chichas miniatura na montra, todos se juntaram junto à montra. A Júlia estava com eles. Quando eu cheguei para ver o motivo de tanto interesse estavam a comentar sobre uns isqueiros que tinham folhas da marijuana desenhadas. (D41)

Quando subimos estivemos a ver como seriam os passos de dança e a ambientar-nos com o espaço. ... Ainda tivemos tempo para mais fotos de grupo, desta vez com a Júlia a tirar fotos à Ana e Natália, o Márcio a tirar fotos à Natália, eu a tirar fotos à Filipa e Sara e a todos os que estavam desprevenidos. O Sérgio aproveitou para jogar *Playstation* (PSP). (D41)

Na altura de entrar nas carrinhas o Sérgio e o Márcio disseram que queriam ir na nossa carrinha porque a outra era uma seca. E claro, houve brincadeira o caminho todo. Eu como me tinha mudado para a frente pois os lugares atrás ficaram todos ocupados, ia a conversar com a Sónia e a Mafalda e de vez em quando a Mafalda queixava-se que a carrinha estava a abanar de mais, para eles estarem quietos. A Sónia também os mandou calar umas quantas vezes. Mas não serviu de nada, eles estavam simplesmente demasiado divertidos para estar quietos. Já no último traçado do percurso lembro-me de ter olhado para trás e vi que a Natália, enroscada nela mesma e com a cabeça encostada ao vidro, já estava a dormir. (D41)

Na sala vi todos de pé. A Márcia estava em cima do Sérgio segurando-o com o joelho. O Sérgio estava estendido no chão. A Júlia estava a agarrar no Márcio e a puxá-lo para trás. A Natália estava toda descabelada ali ao lado de toda aquela confusão. Na sala estava um silêncio daqueles, como se um vácuo tivesse roubado o som. Depois ouvi a Márcia dizer ao Sérgio para ele se acalmar que ela ia largá-lo. Ele levantou-se ainda com ela a encosta-lo bruscamente ao armário. Ele disse umas quantas palavras contra a Natália e esta respondeu-lhe com uma voz grossa e um tom sério que eu nunca tinha ouvido antes e veio pôr-se ao lado da Cristina e Ana enquanto ajeitava a blusa e o cabelo. Perguntei à Ana, ao meu lado, o que se passou. Ela disse, no seu ar calmo de sempre ... que o Sérgio e a Natália tinham começado à porrada. A Márcia

Diversão, descontração.

Conflitos intergrupais.

levou o Sérgio para a rua. A Júlia disse que aquilo era inadmissível. Chateou-se com a Natália porque reagiu assim e com o Márcio porque com o Sérgio estão sempre a picá-la. O Márcio defendeu-se e disse que a culpa não tinha sido dele, que até foi ajudar a Natália. A Júlia acabou por acrescentar, quando a Márcia voltou, que a Natália não tem desculpa pelo que fez mas que também é verdade que o Sérgio está insistentemente a picá-la e que ela tem tido muita paciência. Informou a todos que vai contar ao Paulo e à Sónia e que aquilo vai ter as consequências que eles os dois decidirem. Disse que eles podem fazer o que quiserem lá fora, mas ali dentro não e eles sabem disso e portanto têm que ser responsabilizados. (D43)

<p>3.8. Situações marcantes dentro do bairro</p>	<p>A irmã mais nova da Filipa disse, sem motivo aparente e para quem quisesse ouvir, que a Filipa ia sair da dança cigana para ir para o hip-hop. A Sónia repreendeu-a e disse-lhe que ela não tem nada que andar a falar da família dela, que tem que perder esse hábito porque ninguém tem nada que ver com a vida deles e porque depois as pessoas começam a falar. A Filipa perguntou o quê, quando ouviu o seu nome. A Sónia disse-lhe que é por causa dela ser transferida da dança cigana para o hip-hop. A Filipa disse “yes” a sorrir. (D45)</p> <p>Fez-se a distribuição do pessoal pelas duas carrinhas. A Sónia disse que a Sara tinha que ir na mesma carrinha que ela (D41)</p> <p>Falava-se de dança quando a Sónia disse que a Filipa está a dançar mal, no grupo de dança ciganas do centro comunitário, “las ñinas” e que está a ficar preocupada. A Filipa concordou e disse que se está a esquecer, que está habituada a dançar outros géneros musicais e a ouvir outro tipo de música, que já não consegue dançar música cigana. A Sónia comentou então que como ela tem o lado do pai, não cigano, é normal que experimente outras coisas e que se desidentifique com o estilo cigano. A Júlia disse que são as raízes dela também, que ela não devia esquecer, ao que ela disse logo: “Eu não quero esquecer!”. Só que não consegue dançar como antes, disse ainda. A Sónia disse que ela tem que fazer como a Cristina, que sente a música. Que a música cigana é sentida, é improvisada e que ela tem que sentir. Ela ouviu atentamente e disse que vai tentar. (D32)</p> <p>Continuou-se a dançar, eu a esforçar-me por acompanhar a coreografia dela, mas ciente de que definitivamente me falta qualquer coisa. Há qualquer coisa inerente nos gestos dela que não sei explicar, mas faz-me pensar que dança com tanta naturalidade como anda. Quando lhe disse para me ensinar ela dançou para eu ver. Depois disse para eu dançar, mostrando-me como ela fazia. Não fez uma única tentativa verbal de me explicar como tenho que fazer, nem mesmo quando lhe perguntei “como é que fazes isso com o pé?”. Simplesmente, fez uma e outra vez para eu ver. (D31)</p> <p>Entretanto alguém perguntou alguma coisa à Cristina e pela resposta dela pareceu-me que tinha que ver com namoros ou casamento. Ela disse que não gostava de ninguém, que ainda não tinha encontrado ninguém que lhe interessasse. (D20)</p> <p>... as músicas que a Sónia escolheu são músicas modernas, uma mistura de pop com hip-hop,</p>	<p>Raízes ciganas VS não ciganas. Identidade mista.</p> <p>Talvez uma exigência dos pais para a deixarem ir?</p> <p>Raízes ciganas, mt forte a relação com a dança desde pequenos.</p> <p>Aprendizagem por imitação</p> <p>Parece que só o conseguimos fotografar quando não está “vestido” de João, mas no figurino de uma personagem qualquer.</p>
---	---	--

cada uma delas com um significado e uma mensagem que se encaixa em cada cena da peça. Numa das músicas que saiu há cerca de um ano, a Natália comentou “Esta música já é velha!”. A Sónia disse que não e a Júlia acrescentou: “Uma música de um ano é velha?”, Acrescentando por outras palavras que os jovens de hoje vivem mesmo numa época em que tudo se torna ultrapassado e fora de moda muito rapidamente. (D23)

Estava ali também o Valentim que enquanto eu pousava a mala no banco encostado à parede me veio perguntar, com o telemóvel na mão, se eu conseguia pôr aquilo a escrever mensagens como antes. Deu-me o telemóvel e ficou ali comigo. Era um telemóvel de ecrã tátil, moderno de mais para mim que estou habituada a coLaurindas com botões e teve que me explicar como é que eu mexia naquilo.(D25)

Entretanto chegou a Júlia. ... Estacionava a sua bicicleta e falou com a Fátima lá ao fundo. Lembro-me que lhe perguntou se ela não tinha frio, ao que esta respondeu que não, que estava cheia de calor. Eu e a Júlia estávamos com blusas grossas e todas encasacadas. (D26)

A Júlia entregou a máquina fotográfica dela ao João que ficou a filmar e fotografar. Eu fiquei ao lado dele com a minha e houve uma altura em que lhe disse: “Vamos tirar uma fotografia de nós os dois”, mas ele afastou a cabeça e disse que não, que não gostava. Eu disse-lhe que é só uma foto, mas ele não pareceu minimamente interessado em mudar de ideias. Lembrei-me daquela vez em Olhão em que também não quis participar na foto de grupo. (D26)

O que me lembro de ter acontecido de mais significativo antes do ensaio foi a Cristina, que estava o tempo toda agarrada ao telemóvel e que já não me lembro como acabou por se descoser e dizer que tem um namorado. Parece que já gostava dele há muito tempo, mas que ele ainda não tinha querido nada com ela. Para mim fez-se luz, isso explica a boa disposição dela, toda extrovertida e cheia de sorrisos e segredos, nas últimas semanas. (D27)

Em todos os ensaios a Júlia tem entregado a máquina ao João e é ele quem tira fotografias. Neste ensaio não foi excepção e tirou fotos a todos, até a mim porque o vi apontar-me a máquina quando me sentei à mesa. Depois disse: “Já tenho uma foto de todos”. Quando eu lhe disse que só faltava uma foto dele, disse-me mais uma vez que não. (D27)

O ritmo acelerado dos jovens

Parece denotar alguma timidez ou insegurança. N entanto participava no teatro. Tê-lo-à feito sentir-se melhor enquanto personagem do que se sente com ele mesmo?

Deu-me a sensação de que morar “numa casa lá ao fundo” é motivo de orgulho e que isso a distingue de alguma forma dos que vivem nas barracas.

A Júlia perguntou à Cristina sobre o namorado dela, se ele não vinha vê-la, ao que ela disse que hoje não. O Floriano chegou a meio da conversa e disfarçámos. (D29)

Entretanto falou-se do desfile de carnaval, no sábado de manhã ... A Júlia disse que o Márcio lhe tinha dito que ia vestido de mulher e o Floriano disse que ia também, assim vestido. A Cristina disse que gostava de ir ver mas que a mãe não deixava. E que tinha muita vontade de ir, “só se a Sónia fosse...”. ... Acrescentou ainda que a mãe não a deixa ir com ciganos. ... Só se fosse com a Sónia. (D29)

Lembro-me que a dada altura calhou a Júlia perguntar à Cristina se ela morava ali, naquelas casas junto ao centro ao que ela respondeu imediatamente: “Eu não, nestas barracas! Eu vivo numa casa ali ao fundo”. (D29)

Quando fui embora passado um bocado, estava a tirar fotos à ria e ele que andava por ali meteu conversa novamente: “Tantas fotos que tu tiras”. Isto porque enquanto estávamos a falar eu tinha tirado fotos dele, da Júlia e da Cristina. Eu expliquei-me: “É porque a ria está muito gira a esta hora. Vocês são uns privilegiados por terem esta vista”. Ele perguntou-me se eu vivo nos “prédios”. Eu disse que não, que nem sou de Faro, mas de S. Brás. “S. Brás? Isso fica muito longe?” “Meia hora de caminho, uns 30 km de distância”. Abri a porta do carro, ele já estava ao pé de mim. “E quantos minutos dá?” Não percebi bem a que se referia, pensei me estava a perguntar quanto tempo levava eu ate S. Brás. Voltei a dizer “meia hora mais ou menos”. “Não, o carro”. “O carro? Queres saber a velocidade? Os km por hora?”. “Os números, onde é que estão os números?” Ainda sem saber muito bem a que se referia, mostrei-lhe o conta quilómetros. Ele espreitou. “Dá quanto?”. “No máximo 220km/h mas eu ando a 80, 90, às vezes 100. Depende da estrada”. “100?”. Perguntou, subitamente surpreso? “E onde é que fica o 100?”. Mais uma vez mostrei-lhe. “Eh! 100 é muito!”. (D29)

Entretanto disse à Cristina para sorrir porque me pareceu entretanto que tinha visto uma coLaurinda diferente nos seus dentes e quando o fez tive certeza, havia um brilhante no dente dela. Perguntei-lhe se pôs um *piercing* no dente, ao que me respondeu que não, que colou um brilhante com cola três. Perante resposta tão eloquente restou-me rir e dizer: “És mesmo doida”. Depois acrescentou que vai fazer é um *piercing* no nariz, que a tia é que lhe vai fazer. E que já tinha tido uma vez, que a tia tinha feito, mas que saiu e como doía muito ela não

Confiança nos técnicos,
desconfiança entre famílias
ciganas.

“os prédios” soou-me como algo
distante, algo não alcançável.
Barreira entre prédios e barracas.
Fronteiras.

Curiosidade.

	<p>conseguiu pôr então deixou fechar. Disse que vai comprar o brinco e depois a tia fura. (D30)</p> <p>O Valentim já falava ao telemóvel quando eu cheguei ao centro comunitário. Reparei na doçura da voz dele ao dirigir-se à pessoa que estava no outro lado do auscultador. Era uma doçura dengosa, um carinho acrescentado na voz que me fez a mim e à Júlia rir umas quantas vezes enquanto inevitavelmente o ouvíamos. Até perguntou a mim e à Júlia se conhecíamos algum poema romântico. Eu disse logo que não, a Júlia também mas depois lembrou-se da Garota de Ipanema do Caetano Veloso e ele queria que fosse ela a dizer os versos ao telefone. Ela disse que ele é que tinha que dizer e ele muito envergonhado lá foi repetindo ao telefone as palavras que a Júlia lhe ditava: “Ai que coisa mais linda mais cheia de graça...”. A Júlia disse ainda para ele convidar a namorada para vir assistir ao teatro no dia 30, ele convidou-a imediatamente. (D32)</p> <p>A Cristina também andava desaparecida e depois de a Ana a ter ido procurar a casa em vão, a Sónia descobriu que afinal ela estava fechada na casa de banho do centro comunitário, possivelmente a falar ao telemóvel. Saiu de lá a sorrir, quando a Sónia lhe gritou para ela sair. Além disso, a Sónia teve que tirar os telemóveis ao pessoal, para garantir que sobretudo a Cristina e o Valentim não se distraíam.(D34)</p> <p>Depois dos penteados seguiram-se as maquilhagens. Todas elas queriam os olhos e lábios pintados e até quiseram que lhes puséssemos base na cara e tudo. No gabinete, quando passei por lá, vi que as maiores se tinham encarregado de arrumar as roupas da dança numa mala. (D37)</p> <p>... a Filipa não sabia o que fazer com o seu cabelo e eu lembrei-me que tinha um chapéu no carro que tinha trazido para o caso de alguém precisar ... mas quem achou imensa graça ao chapéu quando o viu foi o Valentim. Perguntou se podia pôr, eu autorizei e ele gostou. Pediu para usar para dançar, eu disse que sim desde que ele se responsabilizasse pelo chapéu. Passado um bocado andava o Joãozinho, o seu irmão, com o chapéu e acabou por ser ele a usá-lo para dançar. (D37)</p> <p>Antes de irmos para a televisão ver as filmagens e fotos de Portimão falou-se da possibilidade de apresentar a peça na escola deles. A Sónia disse que queria apresentar também as danças</p>	<p>Os telemóveis, claro!</p> <p>Vaidosas Autonomia para preservar as suas coisas, o material do centro.</p> <p>Questões étnicas? Junto do grupo de pares é mais difícil mostrar as</p>
--	---	--

	<p>ciganas e perguntou-lhes se eles tinham vergonha de dançar danças ciganas na escola. A Filipa, Valentim e Clara disseram que sim. O Márcio também disse que na escola dava vergonha apresentar o teatro porque as pessoas o conhecem, mas passado um bocado disse que não se importava de apresentar. (D42)</p>	<p>suas raízes. Disposto a superar a vergonha.</p>
<p>3.9. Envolvimento no teatro</p>	<p>A Sónia disse-me que a Cristina não vinha e que estava fora do grupo. Acrescentou para a Júlia que não vale a pena, que se ela não quer ir não se pode obrigar e substitui-se por outra. A Júlia concordou. (D46)</p> <p>A Júlia ... Disse em seguida que o Valentim não vem, que foi para a escola. Eu disse que é chato porque ele é uma personagem importante. A Júlia concordou e disse que a Filipa ou o Sérgio vão ter que fazer o papel dele. Mais tarde voltámos ao assunto do Valentim e perguntei se foram os pais que não deixaram, ela disse-me que não, os pais assinaram a autorização e tudo, só que ele foi à escola. (D41)</p> <p>Quando a Júlia chegou trazia uma notícia. Disse que há uma proposta para irmos actuar em Albufeira e Portimão e que é possível que apareça lá o Ministro da Segurança Social. Ficaram todos radiantes. A Júlia queria saber se eles queriam ir e pelo entusiasmo deles percebeu-se bem que sim. (D31)</p> <p>Entretanto chegou a Sónia. Falou-se de onde andavam as pessoas que estavam a faltar. Ninguém parecia saber muito bem onde estava o João. Quanto ao Valentim, disseram que estava no futsal mas deveria estar a chegar. O Márcio enfim... andava mesmo desaparecido do teatro. A Sónia disse que assim não pode ser e que não pode começar os ensaios de hip-hop sem estarem todos porque se vai começar a ensaiar uma coreografia depois os que faltarem ficam atrasados e tem que começar de novo. Então disse que era melhor marcar um próximo ensaio, última oportunidade, quem viesse vinha e participava, quem não viesse já não podia entrar. Viram-se os horários para amanhã, sexta. A Filipa era a única que terminava as aulas mais tarde, às 17h, portanto o ensaio ficou marcado para essa hora.</p> <p>Mas as miúdas queriam ensaiar hoje, tendo a Júlia dito que não dava, éramos poucos e não tínhamos rapazes. Mas entretanto chegou o Valentim também, dizendo que esteve no futsal. Como elas insistam em ensaiar, a Júlia disse que então íamos ter que pensar melhor na história da peça e a Natália disse logo que já sabia como ia ser e começou a contar. (D22)</p>	<p>Acho que o envolvimento deles no TO não é questionável, independentemente de às vezes faltarem ou estarem distraídos, a verdade é que demonstram interesse e acima de tudo aquele parece ser um espaço em que estão juntos e se divertem sem pressões de klk tipo.</p> <p>Os que desistiram foi por causa da família ou fatores externos, não por desinteresse, parece.</p>

	<p>Foi então que vi que a Ana também ali estava. Ela cumprimentou-me e disse: “Não há teatro hoje.” “Pois, já ouvi dizer.”, respondi-lhe. “Ooh”, acrescentou. (D29)</p> <p>Falei com o João. Perguntei-lhe se vinha ao teatro, ao que me respondeu que não. Perguntei-lhe porque desistiu, se não gostava da peça. Disse que não era isso, que já falou com a Júlia. Ok, disse-lhe eu, dizendo ainda que ele faz falta. Ele sorriu e continuou a mexer no telemóvel. (D34)</p>	
<p>3.10. Situações marcantes fora do bairro</p>	<p>Também passou por ali o João. ... A Júlia convidou-o para ser figurante mas ele disse que tinha aula de educação física a seguir. A Júlia disse para ele faltar que o centro justifica. Ele disse que se faltasse o pai matava-o. A Júlia concordou que ele tem razão, acrescentando que as aulas são importantes também. (D46)</p> <p>Estávamos a passar por Lagoa quando parámos no semáforo e no campo à nossa direita estava uma manada grande de vacas castanhas. A Ana perguntou-me se aquilo eram vacas. Eu disse que sim. Ela sorriu e mantendo o olhar na manada disse-me: “Nunca tinha visto vacas a sério.” “São grandes não são?”, disse eu. “Sim”. (D41)</p> <p>... estava na hora de almoçar... No caminho a Mafalda já tinha perguntado o que é que o pessoal queria comer. Acordámos que íamos todos comer hamburgers. Ao chegar ao Acqua saímos das carrinhas, estacionadas no parque de estacionamento de fora e a nossa carrinha foi logo abordada por uma senhora velha que andava de canadianas e suplicava que lhe dêssemos uma moedita que ela estava com fome. A Mafalda virou-se para a senhora e fez-lhe o encaminhamento, disse se ela tinha fome para ir à segurança social e por fim disse-lhe para ela chamar a polícia. A Sónia ficou tocada e as miúdas ficaram também a olhar para a senhora e acabaram por tirar uma bolacha de dentro da mala e dar-lhe. ... Quando voltámos a olhar para a mulher ela ia num passo acelerado até ao próximo carro que tinha umas pessoas lá ao pé, acabadas de chegar ou a preparar-se para abalar. As canadianas iam levantadas. (D41)</p> <p>... decidimos em conjunto que íamos mesmo ao McDonalds. Para os miúdos foi um BigMac, menu. Os adultos como não quisemos todos a mesma coisa fomos os últimos a ser servidos e enquanto esperávamos os miúdos foram arranjanado lugar para comermos todos juntos, levaram as suas coisas para lá e foram-se sentando. Quando chegámos à mesa eles estavam sentados, calados e cada um tinha um tabuleiro à sua frente com a comida e bebida intocada. Esperaram</p>	<p>1ª saída com o teatro, possibilita novas experiências e contacto com realidades dif. Fora do bairro. Oportunidade para passear.</p> <p>Por um lado demonstram respeito</p>

		<p>por nós e só começaram a comer quando todos estávamos sentados e a nossa comida distribuída. Nós fomos comendo e conversando entre nós e quando acabei a refeição lembrome de olhar para o lado e ver que todos eles tinham o hamburger inteiro à sua frente. Comentámos isso entre nós e perguntámos a eles porque é que não comiam o hamburger. A Natália disse que estavam a deixar para o fim para saborear melhor. Depois das batatas fritas comeram então o hamburger e depois disso foram comprar cada um o seu gelado. Só a Ana e Sara não comeram mais. A Cristina perguntou à Natália como se chamava o que elas estavam a comer. A Natália disse McFlurry. A Cristina disse que não sabia dizer isso, pedindo-lhe para ela vir com ela e a Clara pedir. A Natália foi. (D41)</p> <p>Descemos as escadas rolantes. A Cristina e o Sérgio comentaram que “Dá medo”, porque as escadas são muito altas. (D41)</p>	<p>por nós e regras de educação á mesa. Por outro lado, coisas tão simples para alguns como comer um hamburger são deliciosas ao máximo.</p>
4. Teatro	<p>4.1. Peças apresentadas (temas)</p>	<p>Quando nos levantámos da mesa comentávamos sobre a dependência da Cristina que continuava muito vidrada no telemóvel. A Clara também. A Sara disse que a mãe dela (Cristina) não fazia nada. E que às vezes ela fica a noite toda a falar. A Sónia confirmou. Eu perguntei se ela no dia seguinte vai à escola, a Sónia disse-me que sim. A Júlia disse que um dia temos que fazer uma peça sobre o uso do telemóvel. A Natália disse que podíamos fazer sobre a bulimia e anorexia. A Ana concordou que era fixe. (D41)</p> <p>Como elas insistam em ensaiar, a Júlia disse que então íamos ter que pensar melhor na história da peça e a Natália disse logo que já sabia como ia ser e começou a contar. Ela era uma rapariga nova que tinha chegado à escola e que estava inscrita nas aulas de ballet. Depois conhecia o rapaz do grupo de hip-hop mas ela não sabia que os dois grupos eram rivais e apaixonava-se por ele. Começámos então a pensar nas cenas uma a uma, todos em conjunto, sendo que se iam aproveitando as melhores ideias de cada um. A Júlia sugeriu que se começasse com uma cena para se perceber que protagonista, a ser interpretada pela Natália, era nova na escola. Então criou-se a cena da mãe a deixá-la na escola e a desejar-lhe um bom primeiro dia de aulas. Ao lado estava uma imagem do grupo de hip-hop, que quando ela passava ficava a observá-la. As duas cenas seguintes passavam-se nas aulas de hip-hop, um ensaio e depois na aula de ballet, onde a protagonista chegava atrasada. Depois havia uma cena no autocarro, onde o Valentim, que fazia o par amoroso com a Natália, se levantava para lhe dar lugar, já que não haviam mais lugares sentados disponíveis. Aí trocavam algumas palavras</p>	<p>Já perceberam que o teatro é uma forma de apresentar e falar sobre o que eles quiserem e sentirem necessidade.</p> <p>Demonstra a fase dos namoros que estão a passar, e tb a dos namoros proibidos, que tb faz parte do seu dia-a-dia no bairro.</p>

	<p>e o amor nascia. A cena seguinte, ficou definido que seria uma cena deles a namorar às escondidas e a seguir desenrolar-se-ia uma <i>battle</i> entre os dois grupos que terminava com cada grupo a puxar um para cada lado, separando-os. Toda esta parte da <i>battle</i> envolve dança e será a parte da coreografia que a Sónia terá que criar com eles. Aí eles teriam que decidir ficar juntos, ou continuar a pertencer aos seus grupos. Ensaiámos tudo isto uma vez e quando acabámos a Júlia apontou no caderno o que se passava em cada cena, escrevendo também os nomes que cada um queria dar à sua personagem.</p> <p>... ficámos a pensar como seria o primeiro fim... o fim feliz. ... Ficou assim: os dois grupos rivais tinham que arranjar forma de se entender, então alguém ia raptar a protagonista e depois o seu par, que observava de longe, juntava os dois grupos para a salvar.(D25)</p> <p>Os pequenos fizeram um ensaio engraçado. A peça deles conta a história de uma professora que é vítima de <i>bulling</i> por parte de uma aluna que é má e ameaça os colegas que se contarem o que se passa na aula lhes vai fazer mal. Não pude deixar de reparar como a irmã mais nova da Ana, para além de se parecer com ela na cara também tinha muito jeito para representar. Na peça deles haviam partes com teatro imagem e outro em que faziam um exercício que ela costuma fazer com eles que é o das moscas. (D36)</p> <p>Seguimos para o jardim da Alameda. ... Mas quando atravessávamos o Paulo teve a ideia de filmarmos ali novamente o passeio dos namorados. Estando tudo pronto, o Paulo e alguns dos rapazes convidados atiraram os tremoços. A Ana e o Márcio passaram de mão dada e os pombos esvoaçaram à frente deles. 2 dos rapazes convidados ficaram sentados no banco de jardim a fazer figuração ... Reparei que a Filipa, Clara e Aurízia ficaram afastadas do resto do grupo, sentadas num banco. (D46)</p>	<p>A fase da escola e os preconceitos por viver num bairro pobre.</p>
<p>4.4. Peças apresentadas (contratempos)</p>	<p>Acho que correu surpreendentemente bem a parte da dança, mas estavam um pouco menos concentrados na parte do teatro. Como eu estava no palco com eles lá lhes fui dizendo o que fazer. Esqueceram-se da parte do autocarro, depois esqueceram-se que tínhamos que circular à volta da Natália e do Márcio. Tentaram falar alto mas o problema do mercado era a acústica, que não era boa. Quando estávamos a subir nas escadas para o mercado, a Júlia falava com a Ana e disse que como ela parecia saber gerir melhor o nervosismo, se o Valentim se esquecesse de alguma coisa Laurinda na parte que faziam juntos, ela que avançasse e fizesse ela a proposta. Quando estavam os dois em palco reparei que quando era a parte do Valentim falar a Ana lhe</p>	<p>Nem sempre as coisas correm bem, mas normalmente depois fala-se sobre isso. Auto-reflexão, parte do processo de aprendizagem e</p>

	<p>disse baixinho o que ele tinha que dizer e ele repetiu. (D37)</p> <p>A peça decorreu sem enganos tirando o facto de que era uma sala nova para nós, um espaço diferente no qual não tínhamos ensaiado como devia de ser. Na parte do suposto beijo da Gabriela e do Bruno eles deviam de se ter virado para o público e no final quando fizemos os agradecimentos também tive que os redireccionar pois estavam virados para as escadas onde não estava ninguém (D41)</p>	desenvolvimento.
<p>4.5. Desempenho do Grupo</p>	<p>O ensaio foi como sempre, um misto da Júlia a chamar-lhes a atenção por causa dos telemóveis, com eles a embirrarem uns com os outros e lá pelo meio uns quantos momentos de concentração em que conseguíamos ensaiar do princípio ao fim. A Cristina não fez os ensaios todos, ausentou-se a dada altura e quando a chamámos gritou da casa de banho que já não precisava de fazer o que já sabia. Escusado será escrever que de certeza que estava agarrada ao telemóvel. As raparigas mostraram-se sempre mais concentradas do que os rapazes. O Sérgio a mandar as suas bocas embirrentas, o Valentim com hesitações nas falas, o Márcio a implicar com a Natália... mas apesar de mais concentradas, estavam também mais cansadas, aparentemente. A Natália então mais para o fim parecia arrastar-se e brincámos que ela quase que se deixava dormir quando dançava com o Márcio. (D36)</p> <p>Os pequenos começaram a ensaiar o teatro deles. Eu fiquei a ver porque ainda não os tinha visto a representar e foi super divertido e achei interessante a forma atenta como eles ouviam as orientações da Júlia, fazendo a seguir as coisas como deviam ser. (D36)</p> <p>Passado este maior momento de exaltação e depois de ter chamado a atenção ao Sérgio, lá conseguimos então começar o ensaio, já com algumas músicas pelo meio. O João ficou a assistir e entretanto a Júlia disse-me que lhe dava mais uma semana para ele pensar se queria ou não entrar na peça. A mim deu-me a ideia de que ele se não quisesse participar tinha-se ido embora, porque houve mesmo uma altura no meio da confusão de os tentar acalmar em que a Júlia o colocou contra a parede e que disse que se ele não queria estar ali então que não desestabilizasse e se fosse embora. Ele ficou sentado, cabisbaixo e não disse nada, mas também não foi embora. A Júlia sabe do envolvimento dele com o teatro e por isso depois falou a bem com ele e foi então que lhe disse que tinha a tal semana para se decidir, acrescentando ainda que sabe que ele tem jeito e que seria uma pena não podermos contar com ele. Eu pergunto-me</p>	<p>Os ensaios são sempre um misto de momentos de distração e brincadeira e concentração e trabalho.</p> <p>Sobretudo participam porque querem, porque se não quisessem poderiam ir embora.</p>

	<p>se o suposto desinteresse dele se deverá ao facto de pensar que os pais não o deixarão ir a Lisboa, o que o faz pensar para que é que vai ensaiar, ou se poderá ser por vergonha ou por não se identificar com a peça ou a sua personagem. Mais tarde a falar com a Júlia sobre o desempenho deles, quando ficámos as duas sozinhas, ela disse-me que no início o João também agiu assim, na outra peça e que ela sabe que no fundo ele quer, por isso não foi muito dura com ele. (D23)</p> <p>Começaram por dançar a coreografia ... Ao início notei que estavam desconcentrados, mas com o tempo foram-se deixando envolver e acabaram o ensaio a dizer que estava a ficar muito fixe. A Júlia entregou a máquina fotográfica dela ao João que ficou a filmar e fotografar. (D26)</p>	
<p>4.6. Aspectos positivos do teatro</p>	<p>Fomos para o conservatório ... Filmámos a cena da aula de ballet. Tal como no outro dia, repetimos de vários takes diferentes. A Aurízia, a fazer o seu papel pela primeira vez, pois ela estava a substituir a Cristina, saiu-se muito bem. Ela parecia ter-nos observado bem porque até sabia as minhas falas que andava a repetir lá no centro comunitário antes de sairmos: “Costas dirreitas”. (D46)</p> <p>A Júlia disse que depois podíamos apresentar o filme ali no bairro e fazer uma sessão de cinema com pipocas. A Ana alinhou na conversa e falou sobre darem autógrafos, serem famosos e por aí adiante, mostrando-se entusiasmada com a ideia da rodagem do filme e da ideia de, pelas suas palavras, “ser artista”. (D43)</p> <p>Quando a imagem apareceu na televisão, a câmara captou a imagem deles sentados no chão. Isso gerou murmurinho e a Márcia, que estava a tentar explicar-lhes como ia funcionar o processo de montagem e mais uma vez o porquê de terem que fazer tantos takes de cada cena, teve que virar a câmara para a parede. Vimos as filmagens e depois a Márcia, porque lhe perguntaram quanto tempo ia demorar a fazer o filme, explicou que muito tempo e começou a falar que cada take tem 25 segundos, etc, etc. A Natália disse que nas aulas de cinema aprendeu que são 24 segundos. A Márcia disse que é à volta disso, aqui na Europa e depois começou a explicar-lhes a diferença entre o modelo europeu e o americano. Eles ouviram durante um bocado, mas terminada a explicação principal voltaram à brincadeira entre eles. (D43)</p> <p>A Ana perguntou em que sítios íamos filmar. A Márcia perguntou-lhe em que sítios se passa a peça. A Ana respondeu na escola. A Júlia acrescentou que vamos filmar na escola e que vamos</p>	<p>Sorriso que me deu a sensação de que estava entusiasmada À uma certa influ~encia das peças dos jovens nos + pequenos que parecem admirá-los e querer imitá-los.</p> <p>As filmagens são uma nova experiência.</p>

ter também um autocarro que vamos ter que encher com gente portanto eles podem convidar família e amigos. O Paulo disse que vamos ter também uma sala de dança. A Ana olhou para mim e lembro-me de lhe ver um sorriso. (D43)

Quando a Filipa chegou a primeira coLaurinda que a Natália lhe disse foi para ela não ver as filmagens. A Filipa quis saber porquê. Qualquer coLaurinda como “porque ‘tavas bué diferente” ouviu-se e a Natália continuou a falar de como a Filipa tinha o cabelo e de como ela própria era gorda e estava mal vestida em determinado dia. Às tantas a Filipa acabou por dizer: “Não quero ver”, mas depois veio perguntar-me a mim se eu tinha as fotos do dia anterior. (D42)

Quando saímos fiquei ainda a falar com a Júlia que me falou da importância que as fotos têm para eles, porque são a construção de uma imagem colectiva positiva que eles não têm. E que eles dizem que não querem ver e que não gostam das fotos de como eram antes, mas que no fundo se divertem a ver e faz-lhes bem. Disse que eles não têm fotos de família guardadas como a maioria de nós temos e portanto é algo importante para eles, porque têm famílias cheias de problemas e estes momentos passados em grupo são momentos felizes, talvez os únicos. (D42)

... a Júlia começou a mostrar-nos fotos que tinha tirado em 2010, ainda eu não estava no grupo e eles eram muito diferentes e mais crianças. Mostrou também filmagens. Vimos uma filmagem de um casamento em que o Márcio e a Filipa faziam de noivos. Aparecia a Filipa vestida de noiva a casar com o Márcio e no fim dançavam. A Natália fartou-se de rir e de dizer “Que horror” referindo-se a como eram diferentes. O Sérgio e a Clara também apareceram nas filmagens algumas vezes. O Sérgio estava sentado ao meu lado e ria-se, a Clara, mais discreta lá atrás, quando apareceu a cantar disse à Júlia para cortar aquilo, mas estava também a sorrir enquanto olhava. (D42)

Quando desci a Ana chegou ao pé de mim e disse: “Uma senhora disse-me que gostou muito da nossa peça. Nunca tinha ouvido elogiarem alguma coisa que eu faço.”. Disse-me isto a sorrir e percebi que gostou do ouvir aquilo. Fui petiscar qualquer coisa e quando me juntei ao grupo eles comentavam os elogios que algumas pessoas lhes tinham dado. Veio ainda, quando ali estávamos, uma senhora da CVP que tinha vindo connosco na carrinha e disse-nos, dirigindo-

A importância das fotos, do registo de memórias coletivas conjuntas e positivas.

O reconhecimento, os elogios.

	<p>se sobretudo a eles pois era para aí que o seu olhar estava direccionado, que gostou muito do que viu e que está muito bonita a peça. Eles agradeceram em uníssonos. (D41)</p> <p>... estávamos a chegar à carrinha e com o vento umas folhas duma senhora que estava a participar no seminário e que por acaso eu e a Júlia conhecemos, tinham voado. Ainda antes que a cumprimentássemos já o Márcio e o Sérgio tinham ido ajudar a senhora a apanhar as folhas espalhadas pelo chão. Ela agradeceu-lhes e disse ainda que gostou da peça que apresentámos. (D41)</p> <p>Quando estavam na dança nº 2, a parte em que o Márcio fazia o seu solo, olhei para ele e vi-o respirar fundo antes de ir lá e fazer os passos. Quando ele fez, na filmagem vê-se, há uma senhora que tem uma bebé ao colo que ficou de boca aberta.(D41)</p> <p>Entretanto eu já tinha começado a gravar o testemunho das pequenas que mais do que falar do teatro delas só me queriam falar do teatro dos grandes, Minoria Doghetto. (D39)</p> <p>Perguntei se gostaram do teatro. Disseram que sim. Perguntei em seguida o que gostaram mais. O Valentim disse que gostou da peça dele, aquela do Márcio e da Natália. “E eu também” disse a Alexandra, que em seguida me disse que do teatro dela o que gostou mais foi da parte da Irina. E riu-se. Perguntei em seguida se se divertiram com o teatro. Disse que sim, o Valentim e que aprendeu a dançar hip-hop e muitas coisas. A Alexandra ria-se. (D39)</p> <p>A Ana disse em poucas palavras que adorou a experiência, que foi bom para mostrar o que eles valem e para aprender a representar. Disse “Senti-me muito bem, como uma verdadeira atriz.” (D39)</p> <p>A Ana repetiu por outras palavras algumas das ideias que já tinha dito, referindo sempre aspectos positivos do teatro, quer porque se tinha sentido bem, quer porque tinha sido uma experiência positiva. Disse que “foi uma experiência inesquecível”. Falou ainda de estarem juntos, que foi bom poderem estar juntos. A Natália disse que para ela “foi uma coisa especial”. Que puderam “mostrar o nosso valor”. Quis ainda transmitir a mensagem de que aprendeu com o teatro de que é importante seguir os sonhos e não desistir nem ir pelo que as outras pessoas dizem ou pensam, como diz a mensagem que deixam no fim da peça. Disse também que gostou</p>	<p>Admiração dos mais novos do bairro pelo trab dos grandes</p> <p>Aprender a representar Mostrar do que são capazes, cria uma imagem positiva de si perante os outros.</p> <p>A importância de estarem juntos Mostrar o seu valor Seguir os seus sonhos Sentirem-se importantes Superar a vergonha de estar em público e atuar. O teatro representa</p>
--	--	--

	<p>mais de conviver com as pessoas, principalmente nas pausas, que era muito engraçado. Quando lhes perguntei se gostavam mais dos ensaios ou apresentações das peças, disseram que de tudo e riram-se. Disseram-me que nas apresentações das peças se sentiam “como verdadeiras atrizes”, disse a Ana e “nervosa” disse a Natália. Também acham que no futuro se vão sentir mais à vontade para representar e falar em público. “Foi muito bom conviver uns com os outros e partilhar o nosso momento”(Ana) “Os nossos interesses” (Natália). Quando perguntei o que significa o teatro para elas, a Natália disse “para mim o teatro representa a realidade”. Para a Ana significa “representar sonhos e mostrar como temos algo por dentro para ser actores”. (D39)</p>	<p>a realidade, uma ferramenta para mostrarem o que vivem e sentem. Mostra tb como desejariam e gostariam que fosse a realidade Mostra que podem ser atores e atrizes. Isto vai completamente ao encontro da ideia de Boal de que qlq um pode ser ator, até mesmo os atores!</p>
<p>4.7. Metodologias utilizadas</p>	<p>Para ver o filme da apresentação da peça em Portimão o Márcio, a Filipa e o Sérgio deitaram-se no chão em cima do tapete e a Ana e Natália ficaram no banco. O Valentim, que ainda não se tinha ido embora, ficou atrás de mim sentado na cadeira, com a Clara ao lado. O visionamento do filme permitiu-nos ver o que tínhamos feito menos bem. A Júlia chamou-lhes a atenção para se virarem sempre de frente para o público. O Márcio disse uma parte que não gostava de fazer. A Júlia disse que podemos mudar depois. A Sónia disse que temos que trabalhar mais a peça, ficar mais seguros. A Júlia concordou que têm que ter mais expressão corporal, sobretudo na dança e que podemos trabalhar tudo isso depois. (D42)</p> <p>No fim do documentário saímos e a Júlia tinha-me pedido para fazer um exercício de concentração com eles enquanto ela apresentava o grupo lá dentro. Saímos e pedi ao pessoal que formassem um círculo. Disse-lhes para respirarem fundo, para se concentrarem, que estávamos ali para nos divertir e se acontecesse alguma coisa Laurinda de se esquecerem ou enganarem para agirem como se nada se passasse. A Ana completou, dizendo “ImprovLaurindamos”. Fiz o que a Júlia tinha feito quando apresentámos a peça na universidade, no fim pedi que juntássemos todos as mãos ao centro e que gritássemos Minoria do Gueto, sabendo eu que se ia ouvir lá dentro. Eles gritaram bem alto e as senhoras no rés-do-chão mandaram-nos calar, mas já estava feito. (D41)</p> <p>Quando subimos estivemos a ver como seriam os passos de dança e a ambientar-nos com o espaço. A Júlia decidiu que era melhor rever a peça porque não tínhamos tido um ensaio e já tinha passado algum tempo desde e última apresentação. Ensaíamos toda a peça uma vez, dizendo as falas em voz baixa e fazendo as danças sem música. Fizeram-se umas últimas</p>	<p>Avaliação e reflexão sobre o trabalho realizado.</p> <p>Concentração antes de atuar.</p> <p>Ensaio geral</p>

	<p>correções (D41)</p> <p>Quando saímos das carrinhas os rapazes disseram que a Cristina tinha vindo ao telemóvel todo o tempo. A Júlia disse que ela ainda vai apanhar um cancro na cabeça e que qualquer dia temos que fazer uma peça sobre o uso do telemóvel. (D41)</p> <p>Ainda nos juntámos com a Júlia para conversar sobre a peça, ela disse-lhes que na dança tiveram muito bem e que o teatro ainda tem que ser trabalhado um pouco mas que tiveram bem também. A Natália disse que tinha falado muito baixo, a Júlia disse que o mercado não é o melhor espaço para fazer, que se ouve muito mal, mas que podemos trabalhar isso também depois. (D37)</p> <p>Conseguimos por fim fazer uns dois ensaios finais em que a Júlia lhes disse que acontecesse o que acontecesse não parávamos de representar e se nos enganássemos em alguma coisa continuávamos. (D36)</p> <p>Começou-se então a falar da peça de teatro e a pensar como se poderia enfiar a dança ali no meio. A Natália estava cheia de ideias. Falou de dois grupos rivais, de um rapaz e rapariga de cada grupo que se apaixonavam e tinham que namorar às escondidas. A Sónia disse que ela se andava a inspirar nos filmes e que isso é plágio. Ninguém sabia o que plágio significa, pelo que a Sónia explicou. A Júlia disse que sim, podiam ser grupos de dança, um de valsa e outro de hip-hop. Eles não sabiam o que é a valsa, ao que ela explicou que é um estilo mais clássico do que o hip-hop.</p> <p>Depois falou-se de como poderia ser o fim e a Natália disse que não queria fazer como na outra peça, que era chato. Ela referia-se a fazer um fórum. A Júlia disse que está bem, não fazemos e que podíamos ensaiar três fins por exemplo, um bom, um mau e um surreal e que depois no fim da peça o público escolhia o fim que queria ver. E a ideia do fim surreal deu aso à imaginação do pessoal, começando pela Natália que estava muito faladora e começou a divagar sobre</p>	<p>Partir de situações que compõem a realidade do grupo</p> <p>Peça resulta da partilha de ideias problemas e interesses dos elementos o grupo.</p> <p>Respeito pelas decisões dos jovens. Mesmo sem fórum não deixou de ser T.O. pois foram utilizados uma série de outros pressupostos do mesmo.</p>
--	---	--

vampiros e aí a conversa começou a dispersar. Às tantas só a Sónia e a Natália é que estavam a falar e eu percebi que a conversa tinha ido parar ao último episódio da saga “Twilight/Crepúsculo”. A Sónia disse à Natália que ela tinha acabado de lhe contar o fim do filme, com um ar de descontentamento.

Entretanto voltou-se à construção da peça, a Júlia insistiu para que se decidisse como deveria ser a história, para ela apontar. Resultou então que eram dois grupos de música, um de ballet e outro de hip-hop e que eles eram rivais mas que uma rapariga e um rapaz se apaixonavam e que acabavam por ter que namorar às escondidas. “E depois podiam fugir...” disse mais uma vez a Natália. “Já agora fogem para o fórum”, acrescentou a Sónia, acabando a rir. Olhei para a Cristina e Filipa, a Cristina revirou os olhos. As duas mantiveram-se caladas a maior parte do tempo, mas creio que essa é uma postura normal delas. Pensou-se então quem deveria ser os protagonistas, o casal. Falou-se na Cristina e no Márcio, ao que a Cristina disse que com o Márcio não. Eu lembrei-me deles na praia, a embirrarem um com o outro. Então a Cristina e o Valentim, foi outra proposta. O Valentim pareceu agradado, a falar carinhosamente com ela, mas a Cristina também não se deixou convencer. Então o João e a Sara, porque são os dois grandes, sugeriu-se. Mas depois a Sónia disse que a Sara vai casar e que aquilo ainda ia dar problemas. Depois gozou-se com o João que ainda ia ter os ciganos todos atrás dele. Rimos. Falou-se do Márcio com a Natália. A Natália gostou da ideia, mas a Júlia disse que o Márcio é bom a fazer papel de mau e que se ele já não está muito entusiasmado para o teatro é capaz de não querer fazer par romântico com ninguém porque vai achar uma seca. E penso que no final ficaram a Natália e o Valentim, mas já não tenho a certeza. P’ra semana vamos ver. A Júlia tomou nota das ideias para a peça, para os 3 fins diferentes e depois vimos quem seriam os que iam fazer as personagens dos grupos de ballet e de hip-hop. Eu e o João ficámos como professores, eu de ballet e ele de hip-hop. Isto porque o João não pode participar no grupo de hip-hop como dançarino porque os pais não deixam. Na verdade surgiu na conversa que era fixe juntar o hip-hop com o teatro porque assim quando fosse para sair, podíamos aproveitar uma saída para fazer logo duas coLaurindas e que assim é mais fácil convencer os pais. O João disse que quase nem o deixavam ir a Olhão quanto mais, ao que a Júlia disse que falamos com eles, que da outra vez também não queriam que ele fosse e depois deixaram.

A Natália pareceu entusiasmada, já perto do fim disse que “esta peça vai ficar mais fixe

do que a outra”. (D21)

Entretanto como mais ninguém vinha a Júlia pensou começar a fazer alguns energysers. Começámos pelo “Zip, Sap, Boing”. A ideia é estarmos em círculo, de pé e atentas ao que as outras estão a fazer para podermos responder quando for a nossa vez, dizendo um dos seguintes comenados: “Zip, Sap, Huco, OoooTouro!”. Elas perceberam o exercício à primeira quando a Júlia explicou, porque executavam os comandos, mas estavam desconcentradas e por isso não conseguimos fazer muito rápido. A Filipa sobretudo estava distraída e às tantas disse que lhe doía o dente. Aos poucos foram entrando no jogo e conseguimos acelerar um pouco o ritmo, mas havia sempre alguém que se enganava.

Em seguida fizemos uma coreografia com os nossos nomes. Ainda em círculo, de pé, cada uma de nós tinha que fazer uma mini coreografia tendo em conta os nossos nomes. Então ao início vimos em quantas sílabas podiam ser divididos o nomes, cada um deles. Depois cada uma tinha que encontrar tantos gestos/movimentos diferentes para o seu nome quantas sílabas tinha. Depois de fazer o restante grupo repetia. Todas fizemos, mas quando chegou a vez da Tati ela disse que não sabia o que fazer porque já tínhamos feito tudo. Voltou ainda a Filipa a dizer que não lhe apetecia muito por causa do dente. Mas acabou por aceitar uma sugestão de coreografia da Ana e fez.

O exercício seguinte chama-se “Quantos A’s há num A” e a ideia é que se diga uma palavra de formas diferentes, para passar diferentes tipos de emoção, por exemplo. Foi engraçado. Elas estavam super à vontade e sobretudo a Ana e a Natália para além de terem muitas ideias diferentes, percebi que estavam muito à vontade com a sua expressão corporal. A Filipa participou um pouco, mas mais comedida, por causa do dente talvez e a Cristina também parece ter-se divertido e explorado à vontade a sua criatividade. Não só elas sugeriam diferentes palavras para dizer quanto usaram não só a voz mas o corpo para exprimir aquilo que queriam mostrar. Achei interessante porque conhecendo o jogo original e já o tendo feito com diferentes tipos de pessoas, normalmente as pessoas acabam por utilizar a voz para com diferentes entoações dizer uma mesma palavra e mostrar aquilo que querem transmitir, mas elas acrescentaram espontaneamente a expressão corporal. ... O exercício seguinte, “Homenagem a Magritt”, consistia em usar um objecto de formas diferentes, sendo que começámos por uma caixa de vídeo vazia. A Júlia disse: “Isto não é uma caixa” e a partir daí

Aquecimento. Energysers.

cada uma transformou aquela caixa num objecto diferente. Em seguida fizemos o mesmo com uma cadeira. Surgiram coLaurindas como um telemóvel, um computador, uma escova de pentear o cabelo, um chapéu... a Natália especialmente, parecia ter sempre mais uma ideia. A seguir a Júlia complicou um pouco mais e com a cadeira e a caixa de vídeo tínhamos que fazer um único objecto. A Natália quase de imediato fez um abajour, colocando-se em cima da cadeira, colocando a caixa na cabeça e utilizando ainda os braços para fazer a parte de cima do abajour. A Ana começou a fazer um computador e um livro, mas a Júlia disse que com as duas peças tinha que ser um só objecto e exemplificou fazendo um computador, sendo a caixa o rato. A Landra disse que a ideia do computador e livro era ser a palavra “estudar”, mas explicámos que estudar é um verbo e o que se quer é mesmo um objecto. Aí ela percebeu. A Natália teve ainda a ideia de fazer “escadas”, sendo que utilizava a cadeira, os seus joelhos sentada e a caixa para fazer a elevação dos diferentes degraus. Uma ideia surpreendente. (D22)

Ensaíamos tudo isto uma vez e quando acabámos a Júlia apontou no caderno o que se passava em cada cena, escrevendo também os nomes que cada um queria dar à sua personagem. ... Como elas insistam em ensaiar, a Júlia disse que então íamos ter que pensar melhor na história da peça e a Natália disse logo que já sabia como ia ser e começou a contar. ... Começámos então a pensar nas cenas uma a uma, todos em conjunto, sendo que se iam aproveitando as melhores ideias de cada um. (D22)

Entretanto a Júlia fez um resumo da história da peça e recordou o que se ia passar nas diferentes cenas. Depois perguntou a todos os nomes das suas personagens e apontou no seu caderno. (D23)

O João estava numa atitude de desinteresse e de rabugice. A Júlia disse no início que tínhamos mesmo que ensaiar porque depois vamos a Lisboa e ele disse que os pais não o vão deixar ir. A Júlia disse que depois vemos isso, mas que primeiro temos que criar uma peça para ter alguma coLaurinda se queremos apresentar. Mais tarde quando começou o ensaio o João disse que não sabia como fazer o papel de professor de hip-hop e a Júlia disse que depois ele via como a Sónia faz, mas que para já não é preciso fazer nada de mais, só ser um prof duro que quer que os alunos trabalhem. Ele sentou-se e disse que não sabia fazer pelo que a Júlia disse que ela

fazia para ele ver e depois quando ele quisesse entrava. (D23)

... estávamos a falar na rua ... chegou o Valentim. Então ela perguntou-lhe: “Tu achas que o ensaio hoje correu bem, Valentim?”, ao que ele respondeu muito francamente e sem hesitar “Eu acho que não”. Então ela pediu-lhe para falar com os amigos e dizer para na próxima vez eles se portarem bem porque se não vamos conseguir ensaiar e que até o grupo das crianças se está a portar melhor do que eles neste momento.

Depois disse-lhe ainda: “Porque é chato, ainda por cima a Vânia não é de cá, vem de propósito para ensaiar com vocês e depois vocês portam-se assim!”. Ele virou-se para mim: “Vens só para ensaiar?”. Confirmei. “E moras muito longe?”. Disse-lhe que em S. Brás, a uma meia hora de caminho. “E vais a pé para casa?”. Disse-lhe que de carro, se fosse a pé nunca mais chegava. (D23)

Ensaíamos uma vez e depois ficámos a pensar como seria o primeiro fim... o fim feliz. Acabou por ser construído pela imaginação de todos, já que cada um partilhou as suas ideias. (D25)

Acabado o teatro, começou o ensaio de hip-hop, com a Sónia. Primeiro ensinou-lhes os passos sem música, da coreografia “do amor” como lhe chamamos. A Natália parecia estar tensa ou estranhamente rígida e lembrei-me do à vontade dela para dançar, normalmente. A Sónia precisava que ela se dobrasse para fazer um passo mas ela não estava a conseguir. Então a Sónia chamou a Filipa para mostrar o que pretendia e a Filipa deixou-se levar. Na verdade a Sónia explicou-lhes os passos uma vez e depois começaram logo a fazer, com pequenos ajustes e correcções. Todos decoraram logo o que tinham que fazer, à excepção da Ana e Cristina que se esqueceram uma ou duas vezes mas depois encarrilharam. Passadas umas duas ou três vezes de repetirem os passos, começaram a ensaiar com música. (D25)

O João quis tirar fotos e a Júlia emprestou-lhe a máquina dela, com a condição de que aquelas filmagens não seriam para pôr no facebook. Falaram os dois de se criar o tal grupo privado para partilharmos fotos, mas acho que a Júlia está à espera que seja ele a criar, já que está bastante envolvido e é sempre ele que coloca fotos do grupo no facebook. (D25)

Ela referiu que os miúdos já têm que se preocupar com tudo durante a semana, a escola, os pais, os irmãos e que para ela os ensaios devem ser um espaço em que eles não se sintam obrigados ou pressionados, mas que tenham espaço para fazer o que quiserem e onde se sintam à vontade.(D31)

Para mim este é um aspeto importante não só da metodologia dela mas tb daquilo que pretende que o TO e os ensaios sejam para este grupo de jovens.

Facilitadora do processo, tudo o resto surge do grupo

Flexibilidade e horizontalidade nas relações

	4.8. Opiniões sobre o TO	Faltava-me perguntar-lhes o que tinham a dizer sobre o teatro do oprimido. A primeira reacção foi do Márcio que franziu a testa e perguntou o que é o teatro do oprimido. A Júlia explicou que é que nós fazemos e que nunca falou em teatro do oprimido porque não calhou mas que é um teatro feito por pessoas que têm coLaurindas a dizer. (D46)	Não precisam de atribuir um nome para saberem o que é, como funciona e para que serve. Ela simplifica, não interessa o que é, mas o que lhes faz e para que lhes serve. Sem necessidade de conceptualizar.
5. Faro	5.1. Recurso a serviços e infra-estruturas	<p>Depois falou-se da dor de dentes da Tati, que foi ao dentista esta semana, na Junta de Freguesia da Sé se não me engano. Vai tomar medicação primeiro e depois mais tarde vai arrancar o dente. Parece que também a Cristina anda com dor de dentes porque a Júlia perguntou se ela também já tinha ido ao dentista. Ela disse que não, que tem medo. Eu perguntei porque é que tem medo ao que me disse que nunca foi, mas que não vai porque a mãe não quer. (D20)</p> <p>Ontem estava no facebook quando o Valentim me disse “Olaa”... “Estás na escola?”. Disse-me que não, na “bebloteca” (D28)</p> <p>Quando a Ana chegou disse que estava na biblioteca e tinha acabado de ver a minha mensagem no facebook. (D39)</p>	
6. O filme “Namoro Proibido”	6.1. Processo de Filmagens	<p>Filmámos a cena da aula de ballet. Tal como no outro dia, repetimos de vários takes diferentes. A Aurízia, a fazer o seu papel pela primeira vez, pois ela estava a substituir a Cristina, saiu-se muito bem. Ela parecia ter-nos observado bem porque até sabia as minhas falas que andava a repetir lá no centro comunitário antes de sairmos: “Costas dirreitas”. Como a sala era cheia de espelhos todos tiveram que sair e ficámos só nós as 5 com a Márcia, para evitar que alguém aparecesse sem querer reflectido no espelho.</p> <p>Quando acabámos a filmagem a Júlia disse que devíamos aproveitar e filmar à porta da sala um momento de confronto entre o grupo de hip-hop e o de ballet. Assim fizemos, aproveitando o espaço e que estávamos ali. Fizeram-se filmagens do grupo de ballet a sair da sala e depois em pormenor filmou-se as caras e as “bocas” que o grupo de hip-hop mandava. Filmou-se também os olhares apaixonados dos protagonistas naquele que deveria ser o seu 1º contacto.</p> <p>À saída do conservatório filmámos a cena da mãe ir levar a aluna nova à aula de ballet. A Sónia fez de mãe já que antes era a Ana que fazia. Foi um movimento divertido porque o Paulo estava a mandar bocas para implicar com a Sónia e a dizer-lhe como é que ela deveria</p>	Uma oportunidade para aprenderem como pode ser fazer um filme.

fazer o seu papel. A Sónia aceitou a coLaurinda bem e também alinhou na brincadeira. De seguida fomos para o jardim, a mata de João de Deus ao lado do liceu. O dia estava cinzento e ameaçava chover, mas aí filmámos a 1ª cena do passeio entre os dois pombinhos, já que ainda nos sobrava algum tempo. Aproveitámos os figurantes Júlia e Paulo e mais algumas pessoas que calharam a passar, só para dar um ar natural à cena. A Ana e o Márcio, de mãos dadas, passearam-se caminho abaixo e caminho acima segundo as orientações da Márcia, rindo e fingindo conversar. No fim deram um suposto “beijo” atrás de uma árvore. (D46)

Sáimos todos a pé pois íamos filmar por trás do jardim da Alameda, no estaleiro da câmara que nos tinha disponibilizado um autocarro.... Chegados ao estaleiro deparamo-nos com a Lídia e um grupo de rapazes. Eram da casa dos rapazes, em Faro e estavam ali para se juntar a nós e fazer figuração a convite do Paulo, segundo me explicou mais tarde a Lídia. Com eles vinha uma professora que a Ana assim tratou e a quem foi logo dar 2 beijinhos quando a viu. Esta foi muito simpática com ela e mais tarde ouvi-a a comentar com o Paulo como ela está grande. À Ana disse na altura o quanto ela está bonita. Esta sorriu-lhe com um ar simpático.

Filmámos no autocarro. Todos nos sentámos para ocupar o autocarro de trás para a frente. A Márcia improvisou com um skate de um dos miúdos convidados uma plataforma rolante para poder filmar ao longo do autocarro. Fiquei sentada no banco de trás ao lado da Lídia, do pequeno Márcio e do Valentim. O pequeno Márcio e o Valentim estavam loucos. O Valentim pôs música no telemóvel, o Márciozinho brincava com ele e ria-se a bandeiras despregadas. Enquanto filmávamos a Márcia disse para falarmos uns com os outros com normalidade, como se tivéssemos mesmo no autocarro a conversar com a pessoa do lado. (D46)

Seguimos para o jardim da Alameda. A ideia era atravessar o jardim porque na entrada do outro lado está uma bus stop e queríamos filmar lá a Ana a “apanhar” o autocarro. Mas quando atravessávamos o Paulo teve a ideia de filmarmos ali novamente o passeio dos namorados. Teve ainda a brilhante ideia de acrescentarmos efeitos especiais à cena então foi comprar tremoços. Isto porque os pombos comem tremoços e os efeitos especiais seriam os pombos a esvoaçar enquanto eles caminhavam de mão dada. Pois então assim foi. Escolheu-se a fachada da biblioteca como pano de fundo. ... Estando tudo pronto, o Paulo e alguns dos rapazes convidados atiraram os tremoços. A Ana e o Márcio passaram de mão dada e os pombos esvoaçaram à frente deles. 2 dos rapazes convidados ficaram sentados no banco de jardim a

Fazer o filme permitiu-lhes:
i) aprenderem como funciona filmar;
ii) visitar sítios diferentes, como o Conservatório e uma verdadeira sala de ballet.

fazer figuração e houveram algumas pessoas que frequentavam o jardim que passaram por ali também. Na 2ª vez que filmaram os pombos foram preguiçosos e em vez de levantarem voo afastaram-se. (D46)

Em seguida seguiu-se a paragem de autocarro. Quando íamos a chegar estava um autocarro a abalar o que significa que tivemos que esperar algum tempo. Alguém foi perguntar de quanto em quanto tempo passava um autocarro por ali no quiosque do jardim. A senhora disse que mais ou menos de dez em dez minutos mas depende. Nós esperámos mais de dez minutos. A Ana foi para a paragem com alguns dos rapazes convidados e a Márcia fez uma filmagem deles a partir do chão. Entretanto, terminado esse trabalho lembrou-se que a Ana no autocarro tinha filmado com o tule a fazer de saia e ela tinha acabado de a filmar sem calções. A Ana voltou a pôr o tule e a Márcia filmou outra vez. Quando o autocarro passou finalmente correu tudo mal. O motorista, não sei se porque viu a câmara e toda aquela movimentação em torno da paragem, hesitou em parar. Quando parou foi já afastado da paragem e os rapazes e a Ana ficaram sem saber o que fazer. A Márcia fez-lhes sinal com o braço para que seguissem para o autocarro e finalmente lá foram. O pior é que no meio deles estava uma senhora que queria mesmo entrar no autocarro e por pouco este quase passava sem parar. A Márcia disse que não tinha ficado muito bem por causa das hesitações mas ficámos por ali pois começava a ser tarde. (D46)